Universidade do Sul de Santa Catarina

Metodologia da Pesquisa

UnisulVirtual
Palhoça, 2006

Apresentação

Este livro didático corresponde à disciplina Metodologia da Pesquisa.

O material foi elaborado visando a uma aprendizagem autônoma, abordando conteúdos especialmente selecionados e adotando uma linguagem que facilite seu estudo a distância.

Por falar em distância, isso não significa que você estará sozinho. Não esqueça que sua caminhada nesta disciplina também será acompanhada constantemente pelo Sistema Tutorial da UnisulVirtual. Entre em contato sempre que sentir necessidade, seja por correio postal, fax, telefone, e-mail ou Ambiente Virtual de Aprendizagem. Nossa equipe terá o maior prazer em atendê-lo, pois sua aprendizagem é nosso principal objetivo.

Bom estudo e sucesso!

Equipe UnisulVirtual.

Universidade do Sul de Santa Catarina

Ana Cláudia Collaço de Mello
Dilma Beatriz Rocha Juliano
Gabriel Henrique Collaço
Jacir Leonir Casagrande

Metodologia da Pesquisa

Design Instrucional
Luciano Gamez

3ª edição revista e atualizada

UnisulVirtual
Palhoça, 2006

Copyright © UnisulVirtual 2006

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio sem a prévia autorização desta instituição.

001.43
M55 Metodologia da pesquisa: livro didático / Ana Claudia Collaço de Mello ... [et al.] ; design instrucional Luciano Gamez, [Daniela Erani Monteiro Will, Carmen Maria Cipriani Pandini]. – 3. ed. rev. e atual. – Palhoça : UnisulVirtual, 2006.
132 p. : il. ; 28 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 85-7817-065-2
ISBN 978-85-7817-065-3

1. Pesquisa – Metodologia. 2. Ciência – Metodologia. I. Mello, Ana Claudia Collaço de. II. Juliano, Dilma Beatriz Rocha. III. Casagrande, Jacir Leonir. IV Collaço, Gabriel Henrique. V. Gamez, Luciano. VI. Will, Daniela Erani Monteiro. VII. Pandini, Carmen Maria Cipriani. VIII. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da Unisul

Créditos

Unisul - Universidade do Sul de Santa Catarina
UnisulVirtual - Educação Superior a Distância

Campus UnisulVirtual
Rua João Pereira dos Santos, 303
Palhoça - SC - 88130-475
Fone/fax: (48) 3279-1541 e 3279-1542
E-mail: cursovirtual@unisul.br
Site: www.virtual.unisul.br

Reitor Unisul
Gerson Luiz Joner da Silveira

Vice-Reitor e Pró-Reitor Acadêmico
Sebastião Salésio Heerdt

Chefe de gabinete da Reitoria
Fabian Martins de Castro

Pró-Reitor Administrativo
Marcus Vinícius Anátoles da Silva Ferreira

Campus Tubarão e Araranguá
Diretor: Valter Alves Schmitz Neto
Diretora adjunta: Alexandra Orseni

Campus Grande Florianópolis e Norte da Ilha
Diretor: Ailton Nazareno Soares
Diretora adjunta: Cibele Schuelter

Campus UnisulVirtual
Diretor: João Vianney
Diretora adjunta: Jucimara Roesler

Equipe UnisulVirtual

Administração
Renato André Luz
Valmir Venício Inácio

Bibliotecária
Soraya Arruda Waltrick

Coordenação dos Cursos
Adriano Sérgio da Cunha
Ana Luisa Mülbert
Ana Paula Reusing Pacheco
Cátia Melissa S. Rodrigues (Auxiliar)
Charles Cesconetto
Diva Marília Flemming
Elisa Flemming Luz
Itamar Pedro Bevilaqua
Janete Elza Felisbino
Jucimara Roesler
Lilian Cristina Pettres (Auxiliar)
Lauro José Ballock
Luiz Guilherme Buchmann Figueiredo
Luiz Otávio Botelho Lento
Marcelo Cavalcanti
Mauri Luiz Heerdt
Mauro Faccioni Filho
Nélio Herzmann
Onei Tadeu Dutra
Patrícia Alberton
Patrícia Pozza
Rafael Peteffi da Silva
Raulino Jacó Brüning

Design Gráfico
Cristiano Neri Gonçalves Ribeiro (coordenador)
Adriana Ferreira dos Santos
Alex Sandro Xavier
Evandro Guedes Machado
Fernando Roberto Dias Zimmermann
Higor Ghisi Luciano
Pedro Paulo Alves Teixeira
Rafael Pessi
Vilson Martins Filho

Equipe Didático-Pedagógica
Angelita Marçal Flores
Carmen Maria Cipriani Pandini
Carolina Hoeller da Silva Boeing
Cristina Klipp de Oliveira
Daniela Erani Monteiro Will
Dênia Falcão de Bittencourt
Elisa Flemming Luz
Enzo de Oliveira Moreira
Flávia Lumi Matuzawa
Karla Leonora Dahse Nunes
Leandro Kingeski Pacheco
Ligia Maria Soufen Tumolo
Márcia Loch
Patrícia Meneghel
Silvana Denise Guimarães
Tade-Ane de Amorim
Vanessa de Andrade Manuel
Vanessa Francine Corrêa
Viviane Bastos
Viviani Poyer

Logística de Encontros Presenciais
Caroline Batista (Coordenadora)
Aracelli Araldi
Graciele Marinês Lindenmayr
José Carlos Teixeira
Letícia Cristina Pinheiro
Kênia Alexandra Costa Hermann
Marcia Luz de Oliveira
Priscila Santos Alves

Logística de Materiais
Jeferson Cassiano Almeida da Costa (coordenador)
Eduardo Kraus

Monitoria e Suporte
Rafael da Cunha Lara (coordenador)
Adriana Silveira
Caroline Mendonça
Edison Rodrigo Valim
Francielle Arruda
Gabriela Malinverni Barbieri
Gislane Frasson de Souza
Josiane Conceição Leal
Maria Eugênia Ferreira Celeghin
Simone Andréa de Castilho
Vinícius Maycot Serafim

Produção Industrial e Suporte
Arthur Emmanuel F. Silveira (coordenador)
Francisco Asp

Projetos Corporativos
Diane Dal Mago
Vanderlei Brasil

Secretaria de Ensino a Distância
Karine Augusta Zanoni (secretária de ensino)
Djeime Sammer Bortolotti
Carla Cristina Sbardella
Grasiela Martins
James Marcel Silva Ribeiro
Lamuniê Souza
Liana Pamplona
Maira Marina Martins Godinho
Marcelo Pereira
Marcos Alcides Medeiros Junior
Maria Isabel Aragon
Olavo Lajús
Priscilla Geovana Pagani
Silvana Henrique Silva

Secretária Executiva
Viviane Schalata Martins

Tecnologia
Osmar de Oliveira Braz Júnior (coordenador)
Ricardo Alexandre Bianchini
Rodrigo de Barcelos Martins

Edição – Livro Didático

Professor Conteudista
Ana Cláudia Collaço de Mello
Dilma Beatriz Rocha Juliano
Gabriel Henrique Collaço
Jacir Lonir Casagrande

Design Instrucional
Luciano Gamez
Daniela Monteiro Will (2ª edição)
Carmen Maria Cipriani Pandini (3ª edição)

Projeto Gráfico e Capa
Equipe UnisulVirtual

Diagramação
Pedro Paulo Alves Teixeira
Vilson Martins Filho (3ª edição)

Revisão Ortográfica
Ana Cláudia Collaço de Mello
Dilma Bratriz Rocha Juliano

Sumário

Apresentação **3**

Palavras dos professores **9**

- UNIDADE 1 O prazer de pesquisar 11
- UNIDADE 2 A redação técnica 23
- UNIDADE 3 Pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa 39
- UNIDADE 4 Técnicas de pesquisa científica 57
- UNIDADE 5 O projeto de pesquisa 75
- UNIDADE 6 Procedimentos metodológicos 93

Modelos **111**

Referências **127**

Palavras dos professores

Prezado(a) Estudante,

Você está iniciando o estudo da disciplina Metodologia da Pesquisa, que tem por objetivo auxiliar na construção do seu projeto de pesquisa, etapa acadêmica obrigatória e anterior à monografia.

Desejamos que a cada unidade você adquira conhecimentos que fundamentarão o seu projeto de pesquisa.

É importante observar que adotamos as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), entretanto seguimos também as normas da UNISUL, naquilo que não conflitam com a ABNT.

Estamos à disposição para compartilhar com vocês o estudo dessa disciplina.

Bom trabalho!

Professora Ana Cláudia Collaço de Mello

Professora Dilma Beatriz Rocha Juliano

Professor Gabriel Henrique Collaço

Professor Jacir Leonir Casagrande

■ **UNIDADE 1**

1

O prazer de pesquisar

Objetivo de aprendizagem

- Conhecer os elementos essenciais para iniciar uma pesquisa.

Plano de estudo da unidade

Nesta unidade, você estudará as seguintes seções:

- Seção 1 O que é pesquisa? 13
- Seção 2 Escolha seu tema de pesquisa 15
- Seção 3 Recomendação sobre o orientador 19
- Seção 4 As normas institucionais 21

Para início de conversa

Você escolheu um curso de especialização que exige a monografia para sua conclusão. Então preparamos esta unidade para que você possa ser introduzido no mundo da pesquisa e para que descubra o novo olhar que ela propicia a cada trabalho realizado.

SEÇÃO 1

O que é pesquisa?

Para definir pesquisa, poderíamos sugerir que você recorresse ao dicionário ou aos livros de metodologia científica, mas preferimos expor o nosso entendimento a respeito dessa palavra e, principalmente, sobre a ação de pesquisar.

Pesquisa é investigação, é estudo, é vontade de descobrir, de desvendar algo que nos atormenta, que nos confunde ou que nos motiva.

A curiosidade está intimamente relacionada à pesquisa, pois somos por ela instigados a estudar algum assunto de interesse e que gera em nós a vontade de descobrir o que sobre ele desconhecemos.

A pesquisa oferece a possibilidade de lidarmos com o novo, a partir dos seus resultados, ou seja, construímos o nosso conhecimento quando decidimos estudar um determinado assunto.

Independente do método ou da técnica escolhidos, as leituras, as experiências, as ações geradas pela pesquisa acabam por modificar o pesquisador, ainda que, em muitos casos, as hipóteses estabelecidas para a pesquisa sejam negadas ao seu final. Mesmo não tendo suas hipóteses comprovadas, o pesquisador necessitou investigar o tema escolhido para chegar a essa conclusão, portanto, mudou seu ponto de vista sobre o assunto de sua pesquisa.

Lidar com o novo não é tarefa fácil. Pesquisar exige organização, dedicação, disposição, disciplina, tempo e estudo.

Não são raras as vezes em que o pesquisador precisa se isolar para poder analisar e assimilar os resultados de sua pesquisa. Aliás, a fase de coleta e de tratamento dos dados requer concentração do pesquisador. É nessa fase que acabam por surgir as descobertas sobre o tema pesquisado. Também é costumeiro nos depararmos com dados os quais sequer tinham sido aventados na parte de elaboração do projeto de pesquisa. Esses dados que surpreendem o pesquisador permitem que outras pesquisas sejam realizadas a partir do tratamento dado a eles.

Na nossa concepção, pesquisa é permitir olhar diferente algo que nos interessa, seguindo uma metodologia de estudo e de investigação do tema proposto. Pesquisar é conhecer o desconhecido de forma a satisfazer a nossa vontade de saber.

Agora que você já conhece o significado do termo pesquisa, poderá dar início ao estudo sobre a escolha do tema. É nosso próximo assunto.

SEÇÃO 2

Escolha seu tema de pesquisa

O tema é o ponto de partida do pesquisador para iniciar sua investigação acadêmico-científica. Definir o tema é escolher o assunto sobre o qual irá pesquisar.

Consideraremos indispensável alertar você, futuro pesquisador, para algumas falhas costumeiras de quem inicia uma pesquisa, exatamente para que não venham a ocorrer com você, ou, se as identificar, de imediato poder corrigi-las.

O tema de pesquisa de uma monografia de curso de especialização não requer ineditismo, entretanto, recomendamos originalidade.

A afirmação acima parece conflitante? Mas não é: inédito quer dizer novo, o que ainda não foi estudado. Você pode escolher um tema já estudado em outras pesquisas, portanto não é um tema inédito, desde que lhe ofereça uma forma original, ou seja, própria de sua pesquisa. Para tornar mais claro, exemplificamos:

Tema educação: inúmeras são as monografias sobre educação constantes dos bancos de dados de bibliotecas universitárias, no entanto, cada uma tem o seu valor por ser original, por delimitar o tema educação e estudar apenas uma nuance dele, como "A educação de adultos na comunidade do Itacorubi". Basta o pesquisador particularizar o tema que o estará tratando de forma original.

Tema moda: poderíamos estudar "A influência da camiseta na moda do adolescente". O tema está delimitado e, embora a camiseta seja objeto de outros estudos, isso não invalidaria essa pesquisa. Observe que seria inédito desenvolver pesquisa sobre uma nova textura para camiseta com material inovador no mercado da moda.

Tema jurídico: a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, tem sido tema de muitas monografias, mas o pesquisador poderia fazer a opção por estudar tão-somente as emendas constitucionais em determinado período de tempo.

Há tendência, quando iniciamos uma pesquisa, de encontrar relação entre ela e tudo o que lemos ou ouvimos comentar sobre outras pesquisas. Você deve lembrar de que a delimitação de seu tema não permite mais a perda de tempo com devaneios. A pesquisa que porventura seu colega de turma esteja realizando foi também delimitada de tal forma que cada um deverá realizar investigação distinta. Poderá ser até sobre o mesmo objeto, mas o olhar do pesquisador é outro.

Pode-se escolher estudar os efeitos de uma vacina em cavalo. Um pesquisador pode estudar os efeitos colaterais e outro os efeitos de cura nos membros inferiores após traumatismo.

Outra falha que observamos no pesquisador iniciante é conseguir elaborar um discurso oral que realmente convença quem o escute a respeito do assunto que pretende estudar. Lamentável é quando o discurso se limita à oralidade e não coincide com a realidade da pesquisa porque ela ainda não aconteceu.

Costumamos orientar nossos alunos mostrando que trabalho na cabeça não é trabalho pronto, aliás, quando ainda está na cabeça, não iniciou, ou seja, não conseguiu ultrapassar a barreira da idéia, não se concretizou. Alguns orientandos costumam dizer que está tudo aqui na cabeça, só falta colocar no papel. Ora, então falta tudo... Mal sabe ele que, ao colocar no papel, surgirão inúmeras questões a ser discutidas com o orientador.

O trabalho monográfico, assim como qualquer outro de pesquisa, exige tempo. E muitas vezes a ansiedade acaba tomando conta do tempo que o pesquisador tem para se dedicar à pesquisa.

Cuidado para não sofrer desse mal**.** Combata-o desde o início. Ele é um mal traiçoeiro. Você acaba encontrando todo tipo de desculpa para não redigir, para não ler, para não encontrar o orientador. Por isso, é imprescindível você seguir as etapas de pesquisa apresentadas nas unidades seguintes para evitar se dispersar.

Descubra o seu modo de trabalho. De nada adiantará impor a você um ritmo de trabalho, por exemplo, no período matutino,

se a sua produção ocorre no período noturno. Existem momentos em que escrevemos muito, às vezes a produção acaba sendo tão intensa que as idéias são mais rápidas do que a mão tem habilidade para digitar o texto. Todavia, a tormenta também ocorre, são os momentos de produção nula. Para isso, deve haver previsão em seu cronograma. Sendo assim, não indicamos trabalhar com tempo exíguo. A falta do que escrever é natural, pois precisamos amadurecer para depois escrever. Necessitamos de leitura, de observação, de tempo para pensar, para experimentar, para depois construir o texto.

Evite imitar a forma de trabalho de colegas.

Você se conhece e sabe o que e como é capaz de produzir. Ainda não foi descoberta a fórmula única de produção de pesquisa. É interessante escutar os relatos dos pesquisadores sobre seus modos de trabalho: uns precisam ouvir música, outros se isolar da vida social, há aqueles que atacam periodicamente a geladeira...

Pela experiência, podemos afirmar que seguir o cronograma estabelecido, tendo sobre ele autocontrole, fazendo as adequações necessárias, ainda é a melhor saída para cumprir a monografia. Estabelecer um período de produção também é salutar. Assim conseguimos nos disciplinar e nos organizar mais facilmente.

O gosto pela liberdade é maravilhoso, entretanto, você escolheu fazer um curso de especialização e produzir uma monografia. Deixe as horas de lazer muito bem estabelecidas ou, se necessário, abdique delas sem remorsos. A monografia não dura para sempre. Depois de acabada, você verá o peso (o elefante) que sairá de seus ombros. E serão muitos os momentos de curtição. Óbvio que assistir a filmes, freqüentar barzinhos e festas, confraternizar com família e amigos dá prazer. Mas monografia é compromisso. Esse compromisso é só seu!

Se pesquisar não fosse gratificante, nós, pesquisadores, não iniciaríamos novas pesquisas. E somos categóricos ao reconhecer que todos os pesquisadores convivem com angústias, enfrentam os obstáculos que parecem insuperáveis, precisam vencer o tempo, necessitam de um ambiente para produção. Somente quem

escolhe um tema e sobre ele decide pesquisar entende os percalços de uma investigação acadêmico-científica.

Observe as figuras seguintes:

Essas figuras representam a nossa metáfora do pesquisador. Inicialmente, o pesquisador está em sua morada e tem seus hábitos. Por sua natureza, ele está em constante transformação em razão das pesquisas que realiza. Sempre sairemos diferentes após concluirmos uma monografia. Aperfeiçoamos o nosso conhecimento, o complementamos, o modificamos. Como já dizia Raul Seixas, "essa metamorfose ambulante"...

Os momentos difíceis por que todos passamos para elaborar uma monografia acabam sendo esquecidos rapidamente. Se não fosse assim, talvez teríamos bem menos pessoas dispostas a pesquisar. Constatamos o contrário quando levantamos o número de cursos de especialização cuja monografia é obrigatória e o número expressivo de cursantes.

Tenha sempre com você uma folha para anotar as idéias que surgirem no tocante ao tema de sua monografia.

É interessante mencionar que as idéias surgem em ocasiões as mais diversas, seja na fila do ônibus, do metrô, quando acordamos de madrugada ou quando nos recolhemos para dormir, durante uma conversa com amigos, na leitura de uma revista, de uma lei.

Com a idéia de um ou mais temas, você partirá para a etapa de procura de um orientador.

SEÇÃO 3

Recomendação sobre o orientador

Para escolher o orientador, procure a coordenação de seu curso e verifique a lista de orientadores.

A escolha do orientador é responsabilidade do especializando. O contato virtual ou presencial no transcorrer das disciplinas e a área do saber em que pretende realizar a monografia podem auxiliar na escolha do orientador.

O primeiro passo é agendar um encontro, seja virtual ou presencial, para conversar com o orientador sobre o tema que você pretende estudar. Esse encontro não firma ainda o compromisso de orientação. Recomendamos agendar encontro com mais de um orientador, se persistir a dúvida.

O relacionamento com o orientador não deve ser confundido com amizade, embora muitas vezes ela acabe acontecendo com o compartilhar das etapas da pesquisa. A função do orientador deve estar muito clara para o orientando. O orientador não escreverá seu texto, pelo contrário, ele serve de crítico de seu texto. Devemos entender as críticas sempre como construtivas.

Cabe ao orientador recomendar leituras, auxiliar no esqueleto do projeto de pesquisa, lembrando que, se este estiver bem construído, a monografia, estará bem encaminhada. Além disso, ler tudo o que for produzido e, se necessário, recomendar alterações.

As modificações deverão ser realizadas pelo orientando. Se você não concordar com o orientador, deverá encontrar argumentos para convencê-lo. Caso isso não ocorra, não banque seu texto sozinho. A experiência do orientador é prova suficiente de que suas recomendações devam ser seguidas.

Encontrar-se periodicamente com orientador e discutir as dúvidas ou os textos são tarefas do orientando. Não é obrigação do orientador fiscalizar o trabalho do orientando, servir de bedel. Quem deve satisfação ao orientador é o orientando e não o contrário.

Por isso, recomendamos que o cronograma de execução do projeto de pesquisa e da monografia seja realizado com o acompanhamento do orientador. Também é bem-vindo o relatório de orientação, em que orientador e orientando anotam seus encontros virtuais e presenciais. Os ajustes acabam ocorrendo em comum acordo, dependendo do ritmo de produção dos dois. Não há como precisar o número de encontros. Entretanto, estes devem ser sistemáticos.

A seguir, inserimos uma sugestão de relatório de orientação:

Relatório de Orientação

Nome do orientador:
Nome do acadêmico:
Título do trabalho:
Semestre:

Encontro	Data	Horário	Assinatura do Aluno e do Orientador	Observações
1º				
2º				
3º				
4º				
5º				
6º				
7º				
8º				
9º				
10º				
11º				
12º				
13º				
14º				
15º				

A última coluna do relatório de orientação você vai preencher com observações. Não esqueça de mencionar se a orientação ocorrer virtualmente. Anote também o dia e a hora do recebimento do material bem como a data de sua devolução.

Os orientadores normalmente servem de justificativa para a ausência de produção do orientando. Basta o orientador não poder atender o orientando em determinada data previamente agendada que este passa a atribuir ao orientador suas faltas e falhas. No lugar do orientando assumir sua incompetência, acaba descarregando no orientador. Muito escutamos que orientador costuma viajar, não responder contatos. É certo que em qualquer ramo de

profissão encontramos os que preferem não trabalhar. Mas também temos escutado as reclamações dos orientadores de que o orientando sumiu, não cumpriu o cronograma.

Para essa situação não ser vivenciada por você, faça sua escolha com confiança e exponha ao orientador toda e qualquer dificuldade que estiver enfrentando relativa à pesquisa. Ele é o indicado para lhe ajudar.

Acreditamos que, se houver o aceite do orientador no tocante ao tema de pesquisa, o trabalho será produtivo.

Além de seguir as instruções do orientador, é essencial que o aluno conheça as "regras do jogo".

SEÇÃO 4

As normas institucionais

Antes de qualquer ação, o estudante deverá se informar a respeito das normas institucionais para realização da monografia. Para tanto, recorrerá à coordenação do curso em que está matriculado e aos manuais de elaboração de projeto de pesquisa e de monografia da instituição.

Cada instituição tem o seu modelo de projeto de pesquisa e a sua normatização para elaboração da monografia. Não acredite em conversas de corredor ou em falácias de sala de aula. Busque as informações em fontes fidedignas.

Observe atentamente os prazos para elaboração do trabalho e os documentos que deverão ser preenchidos para oficializar sua fase do curso, de projeto de pesquisa e de monografia. Fique atento às formas de defesa do projeto e da monografia bem como os meios (virtual, correio, material impresso) e o local de entrega dos documentos. Além disso, leia cuidadosamente todo e qualquer documento antes de assinar.

As páginas virtuais das instituições de ensino costumam apresentar *links* para informar as normas de trabalhos científicos.

Visite o site da UNISUL e veja como elas estão oganizadas:

- http://www.unisul.br/paginas/setores/bu/metcimur.html

Atividades de auto-avaliação

Escolha o assunto de sua pesquisa e agende uma conversa com o seu orientador.

Síntese da unidade

Você pôde observar que, antes de iniciar sua pesquisa, é necessário bem delimitar o tema e procurar seu orientador. Além disso, organização, disciplina e vontade de estudar são essenciais para a realização de um trabalho científico.

Na próxima unidade, você conhecerá as características da redação técnica que auxiliarão na confecção de seu projeto de pesquisa e de sua monografia.

UNIDADE 2

2

A redação técnica

Objetivo de aprendizagem

- Conhecer as características da redação técnico-científica.

Plano de estudo da unidade

Nesta unidade, você estudará as seguintes seções:

- Seção 1 A redação do texto 25
- Seção 2 Tipos de trabalhos acadêmicos 31

Para início de conversa

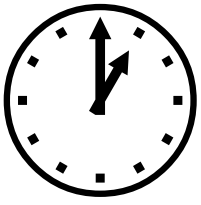
Confeccionar um texto: atividade que depende da capacidade intelectual de cada um. Porém, para tecê-lo, é sempre bom estar atento a algumas características. Nesta unidade, você poderá descobrir caminhos da arte de tecer um trabalho acadêmico-científico.

SEÇÃO 1

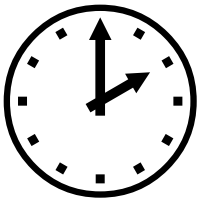
A redação do texto

Os trabalhos científicos e acadêmicos servem para uma reflexão sobre um tema bem delimitado, fazendo o acadêmico identificar a interdisciplinaridade do seu curso de especialização.

Não há necessidade que você tenha um tema inédito para desenvolver o conteúdo de um trabalho monográfico, mas busque ser inovador, crie o tema comum, até mesmo aquele que já está mais "batido", porém com conteúdo diferente, busque o novo.



Por meio da leitura de obras, podemos construir novas imagens e olhares diferentes e, sobretudo, pensar para elaborar trabalhos produtivos. Isso faz com que tenhamos base para entendermos novos conceitos e capacidade de propor soluções.



Escrever uma obra é deixar se levar pela inspiração instantânea, devemos aproveitar todo o tempo disponível para escrever. Não podemos hoje nos dar o luxo de esperar a inspiração vir, no estilo: "só vou fazer isso se tiver inspiração". Nem o trabalho, nem o tem-

po permitem mais isso. Vivemos em um mundo veloz, em que as pessoas não podem delegar muito tempo a uma atividade só.

Sendo assim, necessitamos seguir alguns princípios para bem redigir o trabalho. Veja a seguir quais são eles: a ética, a precisão, a concisão, a clareza, a coerência, a coesão, a uniformidade e a revisão.

Assista ao documentário **Janela da alma**. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Produção: Flávio R Tambellini. Roteiro: João Jardim. [Rio de Janeiro: Copacabana Filmes], 2002. DVD (73 min).

A Ética

A falta de vontade e profissionalismo de alguns acadêmicos têm gerado problemas nas fases da redação da pesquisa. Há quem assine trabalhos sem o mínimo de apuração de dados e postura ética frente aos fatos. A credibilidade simplesmente parece não existir. Isso tudo porque preferem utilizar um método mais fácil, o da invenção. Inventam de tudo, nome de autores, entrevistados, fatos, situações, números e casos.

A falta de ética não pára por aí. Existem ainda os plagiadores. O que fazem? Uma verdadeira cópia de textos publicados. Tudo parece muito fácil. Basta trocar algumas palavras, ou simplesmente utilizar sinônimos e pronto. Sequer referenciam os autores legítimos.

Os "falsos autores" pensam que nunca serão descobertos. Puro engano!

E não é difícil encontrar os que ainda se vangloriam por fazer sucesso com trabalhos copiados. Se dizem verdadeiros gênios por escreverem textos incríveis, enquanto caráter não existe.

Atenção: Lembre-se que roubo autoral é crime!

Para os que pensam que isso é muito, há coisas piores. Uma técnica utilizada é a de pegar um texto redigido por um colega e, num passe de mágica, mudar o crédito para outro nome. Tão simples, mas tão ordinário.

Que tipo de profissional se pode esperar de quem faz da arte da pesquisa acadêmica um verdadeiro parque de diversão?

Lutar por credibilidade e ter ética e honestidade são requisitos básicos para um aluno. Devemos ter a consciência de que o compromisso e o respeito com a pesquisa e com o leitor são fundamentais, assim como o absoluto respeito ao objeto de estudo e às fontes empregadas.

Uma pena não poder confiar em pessoas que usam dos recursos citados em "belíssimos textos", que viram lixo, mais cedo ou mais tarde.

A Precisão

É de extrema importância para a redação de um trabalho a exatidão dos dados. A precisão de uma obra compreende a estreita correspondência entre a linguagem e o fato comunicado

Preste sempre atenção às fontes, aos números, aos gráficos, às tabelas e cuidado ao identificar a edição de uma obra trabalhada, pois muitas vezes há alteração de conteúdo.

Quando você for redigir, evite os termos vagos e as expressões ambíguas ou coloquiais. Lembre-se sempre de que o texto acadêmico deve seguir uma linguagem simples, porém formal. Nada de construções textuais com rebuscamentos ou com frases de efeito.

A Concisão

Em um texto acadêmico e científico, seja conciso e objetivo em suas explanações. Use poucas palavras, porém com o máximo de conteúdo. Ter poder de síntese é fundamental, mas tenha cuidado com a omissão de dados. Use frases e parágrafos curtos, pois assim estarão menos sujeitos a erros, principalmente os de concordância. Lembre-se, entretanto, de que é melhor uma frase longa e clara do que uma frase curta e confusa. É muito importante ter o poder de concisão para saber escrever um bom resumo, por exemplo.

A Clareza

Procure sempre realizar uma apresentação clara do conteúdo. A redação deve ter seu sentido captado na primeira leitura. Para isso, é importante prestar atenção sobre como expor as citações de outros autores nos lugares adequados. Lembre-se de que você não está produzindo uma colcha de retalhos e sim tecendo um texto acadêmico. Busque sempre escrever em ordem direta. Isto é, sujeito seguido de predicado. Preocupe-se com a estrutura dos parágrafos do texto.

A Coerência

A coerência refere-se à estruturação do texto, devendo o autor manter-se no mesmo assunto desde o início até o fim de sua redação. Veja alguns exemplos de falta de coerência nos textos de monografias do curso de Direito da Unisul, *Campus* Norte – Unidade Pedra Branca, quando em fase de orientação:

Exemplo 1

Ainda no século XIX, no chamado período humanitário, através das influências de Cesare Bonesa (1738-1794), o Marquês de Beccaria, iniciou-se a busca da defesa do indivíduo contra as leis e a justiça daqueles tempos.

Convém acrescentar o comentário de Emanuella Cristina Pereira Fernandes:

> O sistema da repressão criminal veio mesmo a desenvolver-se no período humanitário, no século XVIII, que embora ainda trouxesse a idéia de retribuição pelo delito cometido, foi influenciado por pensadores como Cesare e Beccaria e quando ao invés de adotar-se a severidade das penas, numa época em que a tortura era a forma mais comum de se obter a confissão do réu e a sua conseqüente punição, buscou-se defender direitos fundamentais do acusado.

Exemplo 2

Período humanitário da pena

(...) O rei detinha o poder de decisão sobre a prisão, recursos, processos, perdão, etc., o qual, por muitas vezes, chocava-se com as determinações dos monarcas, que também possuíam o poder de interferir no andamento da justiça.

A Coesão

As partes do texto devem ser claramente interligadas. Obtém-se a coesão textual usando corretamente expressões de transição. Esteja sempre atento a coesão do texto para fazer a amarração, a costura das frases e dos parágrafos. Para não tornar o texto cansativo com repetição constante de palavras, você poderá usar os **dêiticos**: assim sendo, dessa forma, inicialmente, pelo exposto.

Dêiticos é o mesmo que conectivos, ou conectores de texto.

Em muitas obras, observamos o uso da expressão "isto posto". Isto posto não existe, pois, se está usando o pronome demonstrativo "isto", o assunto ainda não foi posto. Use isso posto, pelo exposto.

A Uniformidade

Em um texto científico, devemos sempre manter a mesma forma do tempo verbal. Você pode optar por utilizar a primeira pessoa do plural (nós) ou o impessoal (verbo + se).

A Revisão

Um texto deve ser sempre grafado corretamente, pontuado adequadamente e ter as concordâncias redigidas conforme as regras. Para que isso aconteça, é importante a revisão do texto. Textos sem revisão podem prejudicar o conteúdo exposto. Não fique esperando que o seu orientador faça a revisão do seu trabalho. Como diz Wilges Bruscato (2002, p. 42), "A função do orientador é indicar caminhos e propor reflexão, não corrigir o seu estilo de redigir ou seus erros de português".

As Vozes e os Verbos

Em um trabalho de pesquisa, surgem, em diversos momentos, as vozes dos autores misturadas com a voz do acadêmico que produz o texto. Isso serve para a fundamentação teórica e reflexão de conceitos abordados no desenvolver de uma pesquisa. Por isso, utilize a uniformidade no seu texto, isto é, use os verbos em primeira pessoa do plural ou verbo+se do início ao fim, tornando o texto impessoal. Essa mistura de vozes cria sempre um novo trabalho monográfico, porém não existe a necessidade de adjetivar os autores que vamos citar. O intuito de um trabalho acadêmico não é "bajular" alguém, mas sim expor as idéias do autor. Evite o uso de expressões como "o brilhante Fulano de Tal", "o ilustre autor Tal". Ao desenvolver um texto, você deverá utilizar verbos para melhor ilustrar os discursos. Citamos aqui alguns verbos que podem auxiliar a construção do seu texto:

Articular	Constatar	Perguntar
Assegurar	Contestar	Postular
Assinalar	Declarar	Pretender
Avaliar	Defender	Pontuar
Argumentar	Delimitar	Questionar
Acrescentar	Demonstrar	Refutar
Afirmar	Desenvolver	Reiterar
Alertar	Dizer	Repetir
Analisar	Esclarecer	Replicar
Anunciar	Especificar	Resgatar
Concluir	Estabelecer	Repudiar
Citar	Examinar	Responder
Comentar	Exemplificar	Ratificar
Compreender	Explicar	Reconhecer
Comprovar	Evidenciar	Revelar
Continuar	Falar	Resumir
Contrapor	Indicar	Ressaltar
Criticar	Investigar	Recomendar
Concordar	Limitar	Sugerir
Confirmar	Mostrar	Sintetizar
Confrontar	Parafrasear	Salientar
Considerar	Ponderar	Verificar

SEÇÃO 2

Tipos de trabalhos acadêmicos

Nos cursos de especialização, produzimos alguns tipos de trabalhos no desenvolver das disciplinas. Citamos aqui dois tipos de trabalhos: Resenha Crítica e Artigo de Opinião. Veja a seguir como eles se configuram.

Resenha Crítica

Resenha crítica é um trabalho de apresentação do conteúdo de um livro, acompanhada de uma avaliação crítica que serve para a divulgação da obra. Na resenha crítica, expomos o propósito da obra, seu estilo, suas partes e também a forma de apresentação.

Para elaborarmos uma resenha crítica, é necessário o conhecimento completo do livro, pois só assim podemos apresentar algo e formar um juízo crítico. Na resenha crítica, acontecem as duas abordagens:

- **objetiva:** o autor descreve o assunto da obra sem emitir juízo de valor;
- **subjetiva:** o autor aprecia criticamente a obra, evidenciando seu juízo de valor.

Veja quais são as partes de uma resenha crítica:

- referência bibliográfica;
- conteúdo da obra;
- credenciais do autor;
- juízo de valor (opinião).

LINGUAGEM DO TERCEIRO MILÊNIO

Gabriel Collaço

YOUNG, Fernanda. **O Efeito Urano**. São Paulo: Objetiva, 2002. 142 p.

Os camaleonismos, as tatuagens espalhadas pelo corpo e visual nada convencional transformaram Fernanda Young na mais recente "maldita" da literatura brasileira. Carioca, de Niterói, ela não preservou sua imagem para divulgar seu trabalho. A escritora se expõe a cada página que escreve. Conseguiu chamar a atenção da crítica e do público pelo comportamento rebelde e diferente de seus escritos, num estilo "faça você mesmo" do movimento punk e underground.

O seu último livro, "O Efeito Urano" (2002), faz parte da coleção Cinco Dedos de Prosa, preparada pela Editora Objetiva, em que autores falam sobre os dedos da mão. O dedo médio, o pai-de-todos, foi a escolha da autora para seu objeto de inspiração.

Sempre irônica, mordaz e extremamente antenada, Fernanda Young, jovem até no nome, traz nos seus livros um excesso de informação do universo pop, do "mundinho clubber", com personagens e dramas diversos. Os romances, de fácil leitura e compreensão, reafirmam a sua contemporaneidade num mundo veloz, em que as pessoas são bastante ocupadas e delegam pouco espaço à leitura.

Sem medo de provocar, o tempo todo em suas obras ela fala o que deseja. Sua estréia ocorreu com o romance "Vergonha

dos Pés", em 1996. Logo após, em 1997, veio "A Sombra das Vossas Asas", nome inspirado em uma passagem bíblica, que lhe rendeu muitos comentários da crítica especializada, ou seja, um divisor de águas. O terceiro título é "Carta para Alguém bem Perto", de 1998. "As Pessoas dos Livros", de 2000, mostra tudo o que acontece no mundo dos editoriais. A personagem principal, Amanda Ayd, vive conflitos internos e que precisa escrever desesperadamente como uma questão de sobrevivência. A autora cria um horizonte de verossimilhança com a própria vida. O retrato do criador que se espelha na criatura.

Sem muitos intervalos de publicações, Fernanda Young traz mais desabafos instantâneos. Mesmo com o ritmo corrido de uma obra escrita sob encomenda para a coleção, ela consegue fazer o que mais sabe: acompanhar o ritmo frenético e transportar isso para as narrativas velozes como um videoclipe. De forma sintética e provocadora, ainda rompe com a tradição formal da literatura, pois escreve como fala.

Em "O Efeito Urano", Fernanda libera-se de todos os preconceitos e mexe com tabus. A história invade a intimidade de três personagens, duas mulheres e um homem. O dedo médio é usado como narrativa das histórias de amor. A personagem central desta vez é Cristina, uma mulher fascinante e impulsiva. Uma jornalista que se pode chamar de comum, que vive ao lado do marido Guido, um psicólogo de muito bom senso e racional. Porém, festeiro. Os dois vivem também o mundinho cult, intelectualizado e no auge da crise dos 30 anos, Cristina conhece Helena. Mais uma história de amor malsucedi-

da e com muito rancor. A partir daí vive-se em cada página os deliciosos e delicados prazeres de um triângulo amoroso.

Por ser a única mulher que irá escrever para a coleção, Fernanda Young merece seu lugar no centro de todos, o dedo médio. Os outros ficam por conta de Carlos Heitor Cony, Mario Prata, Manoel Carlos, que estréia na literatura, e Luís Fernando Verissimo.

As obras da autora estão sempre em evidência, seja no cinema, com o roteiro de “Bossa Nova”, em parceria com seu marido Alexandre Machado para o filme de Bruno Barreto; na televisão, com os episódios de “Os Normais”; nas músicas em parceria com a amiga Marina Lima ou mesmo nas estantes.

“Efeito Urano” é para os voyeurs de plantão. Como resume a autora na própria prosa contemporânea, “é sobre a histeria de se crer no imediato, quando amamos loucamente alguém que conhecemos ontem”.

■ Artigo de Opinião

Artigo de opinião é um texto que desenvolve uma proposta pessoal do autor a respeito de um determinado assunto. Uma comunicação escrita que serve para publicação e divulgação de novas idéias. Serve para fazer uma análise pessoal e argumentativa acompanhada por uma fundamentação teórica, sempre procedendo com clareza e objetividade. Mesmo não sendo dividido visualmente, é elaborado a partir de três passos: introdução, desenvolvimento e conclusão.

MUITO SE FALA, POUCO SE LÊ

Gabriel Collaço

O hábito da leitura parece ausente nas novas gerações. Falta a intimidade com as letras. Por que será que se escuta tanta besteira em debates ou discussões sobre determinado assunto? A realidade é que hoje muito se fala e pouco se lê. Falta embasamento. As pessoas entram nas conversas sem ao menos saber a definição do que estão comentando ou criticando. Aliás, senso crítico parece não existir.

A leitura é interessante para aqueles que lêem com a finalidade de aprimorar o saber. Só assim a crítica poderá readquirir seu sentido didático, provocador, criativo. Ler para simplesmente dizer que foi lido é pura ilusão, ou melhor, até serve para fazer uma "média". A barreira maior é quando se recebem críticas pelo que foi dito. Será difícil ter uma defesa convincente, pois não houve uma absorção do que estava escrito.

O problema é que não existem só as pessoas que não lêem, há também as que lêem, mas que não possuem o hábito correto. Não sabem ler com um olhar crítico, ir com a visão além do que está escrito. E a realidade se constrói com uma reforma da nossa visão, interpretando os signos com um "olhar diferente".

Como hoje se trabalha com uma certa urgência de informação, a velocidade acaba por atrapalhar o "tempo de pensar". Não

há possibilidade de reflexão profunda. Muitos lêem várias coisas ao mesmo tempo, uma nota de jornal, um capítulo de livro, uma página de revista, não conseguindo estabelecer interação com os acontecimentos e a obtenção de novos dados. Se a leitura for realizada com atenção, estudada e estruturada, serão digeridas e processadas as informações importantes. Esse proveito depende da sensibilidade de cada um.

A medida que lê mais, o leitor se torna crítico e obtém maior domínio da língua. Entra em contato com novas idéias e tira conclusões, armazenando dados para produzir um bom discurso, não esquecendo que em cada ocasião deve usar uma forma de linguagem. Falar difícil, utilizando linguagem técnica, com grupos que não possuem o mesmo grau de conhecimento não irá adiantar, pois a comunicação não será eficiente.

A defasagem das bibliotecas e a má comercialização dos livros também afetam a prática da leitura no Brasil. Não existe a divulgação das publicações, nem a valorização do autor. Os altos preços tornam o acesso difícil. Isso tem prejudicado a leitura diária, que é essencial para se adquirir um vocabulário rico e obter facilidade na apuração dos fatos. Como expôs Voltaire, “embora existam muitos livros, creia-me, pouca gente lê; e entre os que lêem, muitos só se servem de seus olhos”. O hábito de ler instiga a criatividade, fazendo com que o leitor não jogue simplesmente palavras para fora de sua boca.

■ Gabriel Collaço é jornalista.

Leia o texto de Lúcia Santaella: A leitura fora do livro. Disponível em <http://www.pucsp.br/pos/cos/epe/mostra/santaell.htm>.

Atividades de auto-avaliação

Identifique no texto "Linguagem do terceiro milênio", de Gabriel Collaço, mencionado nesta unidade, as quatro partes que compõem uma resenha crítica:

- referência bibliográfica;
- conteúdo da obra;
- credenciais do autor;
- juízo de valor (opinião).

Síntese da unidade

Nesta unidade, você pôde verificar as características indispensáveis para a redação do trabalho acadêmico e científico. Atente para elas quando for confeccionar o seu projeto de pesquisa e a sua monografia.

UNIDADE 3

3

Pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa

Objetivo de aprendizagem

- Reconhecer a importância da fundamentação teórico-prática nos processos de pesquisa qualitativa e quantitativa.

Plano de estudo da unidade

Nesta unidade, você estudará as seguintes seções:

- Seção 1 A pesquisa qualitativa 41
- Seção 2 A pesquisa quantitativa 51

Para início de conversa

Esta unidade foi elaborada para propiciar a você o contato com a linguagem que será usada em seu projeto de pesquisa e em sua monografia. Estruturamos o texto seguindo as características da linguagem apresentadas na unidade anterior e com citação de autores. Assim, você estabelecerá a diferença entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa e se ambientará com o texto de um trabalho de pesquisa.

SEÇÃO 1

A pesquisa qualitativa

Em todo processo de investigação, de aquisição de dados sobre a realidade, sempre há uma busca inicial dos referenciais da literatura, ladeados por um tratamento reflexivo e sistemático.

O trabalho de pesquisa de campo é fruto de um momento relacional e prático. As inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano, e o que atrai durante o processo de produção do conhecimento é a existência do desconhecido, é o sentido da novidade e o confronto com o que nos é estranho.

A realização de um trabalho de pesquisa qualitativa requer várias articulações que devem ser estabelecidas pelo investigador. Uma dessas diz respeito à relação entre a fundamentação teórica em relação ao objeto a ser pesquisado e o campo que se pretende explorar. A compreensão desse espaço da pesquisa não se resolve apenas por meio de um domínio técnico. É preciso que

tenhamos uma base teórica para podermos olhar os dados dentro de um quadro de referência que nos permite ir além do que simplesmente nos está sendo mostrado.

Fundamentos teóricos e delineamentos da pesquisa qualitativa

Para Patrício (1999), o processo de pesquisa qualitativa que envolve trabalho de campo é constituído por diferentes momentos, denominados pela autora de: Entrando no Campo, Ficando no Campo e Saindo do Campo, que ocorrem de forma interligada e permanente, diferenciando-se apenas por particularidades específicas.

Entrando no Campo representa os primeiros momentos de interação com o contexto onde será desenvolvido o estudo, período de pesquisa exploratória, que irá viabilizar o estudo propriamente dito, ações que possibilitam conhecer o campo, escolher os sujeitos que participarão do estudo, negociar todo o processo já planejado, estabelecer mais apropriadamente as questões de pesquisa e os seus instrumentos de coleta de dados (PATRÍCIO, 1995).

A interação nesse período de estudo é mais focalizada no processo de aproximação com os sujeitos da pesquisa, como indica técnicas de observação e diálogo para o conhecimento mútuo e para a apresentação da proposta do estudo, bem como para discutir sobre os objetivos, as técnicas metodológicas e sobre as questões éticas. Nestas, especialmente, toma-se o cuidado para se garantir ao sujeito o sigilo da sua identidade e de dados que não sejam apropriados à publicação. Também se inicia a negociação sobre detalhes de operacionalização do estudo, referentes a dias, horários e locais apropriados para os encontros com os sujeitos do estudo e a devolução dos dados da pesquisa (PATRÍCIO, 1995).

Esses momentos de entrada no campo vêm precedidos de encontros relativos à negociação oficial necessária à legitimação do estudo com os responsáveis, especialmente quando esse campo for uma organização, como empresa, comunidade, família ou outras associações.

O pesquisador deve estar munido do documento de solicitação de autorização, além daquele de apresentação, para fazer o estudo, especialmente se tiver que transitar por diferentes ambientes e consultar documentos referentes ao contexto.

O ideal mesmo é o pesquisador ter o documento de aceitação do estudo assinado pelos sujeitos e, ao mesmo tempo, deixar com os sujeitos um documento assinado por ele referente às questões éticas e seus futuros compromissos com a devolução dos dados, se for apropriado ao estudo (PATRÍCIO, 1999).

A pesquisa, nessa perspectiva, e conforme orienta a Resolução nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde deve ser adequada aos princípios científicos que a justifiquem e com possibilidades concretas de responder a incertezas:

- prevalecendo nela sempre as probabilidades dos benefícios esperados sobre os riscos previsíveis;
- obedecendo à metodologia adequada;
- prevendo procedimentos que assegurem a confiabilidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não-estigmatização; sendo desenvolvida com indivíduos com autonomia;
- respeitando sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes;
- assegurando aos sujeitos os benefícios resultantes do projeto, seja sob a forma de retorno social ou acesso aos procedimentos, produtos ou agentes;
- assegurando inexistência de conflito de interesses entre pesquisador e sujeitos;
- esclarecendo os sujeitos sobre a pesquisa, para que esta se processe em linguagem acessível e inclua a garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia e a liberdade do sujeito se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase, e a garantia do sigilo que assegure privacidade quanto aos dados confidenciais.

Evidentemente, desde os contatos iniciais com os participantes, o pesquisador deve preocupar-se em se fazer aceito, decidindo o quanto deve estar envolvido nas atividades, procurando não ser identificado com nenhum grupo particular. Esses cuidados são fundamentais e até decisivos para conseguir obter as informações desejadas.

Concluído o processo de entrada no campo, o pesquisador pode iniciar o processo de coleta de dados propriamente dito.

Nos tipos de estudo que exigem observação com entrevista no contexto dos sujeitos, esses momentos são caracterizados como "Ficando no Campo", que é o início do processo de coleta de dados, momento de interação com os sujeitos (PATRÍCIO, 1995, 1999).

As técnicas de levantamentos de dados mais utilizadas nos métodos qualitativos de pesquisa são: a entrevista aberta ou semi-estruturada e observação participante. Ambas, dependendo do pesquisador e dos objetivos e finalidades do estudo, sofrem inúmeras variações. Há casos em que a observação participante é desenvolvida por fases, ou momentos distintos, com ou sem entrevista.

A entrevista pode expressar apenas um momento de perguntar e ouvir respostas, mas também pode ir além, dependendo do objetivo e profundidade do estudo, e tornar-se um encontro de diálogo reflexivo, no qual se prescrevem técnicas especiais de comunicação.

A técnica de colher dados, particularmente a entrevista, pode ser subsidiada por instrumentos específicos à situação estudada. A ferramenta principal, nos métodos qualitativos, é a pessoa do próprio pesquisador, seus processos de razão e sensibilidade, especialmente o uso de sua intuição e seus outros atributos humanos referentes à comunicação humana, haja vista que os estudos qualitativos preocupam-se mais com a qualidade dos dados do que com a quantidade destes (PATRÍCIO, 1995, 1999).

A entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre entrevistador e o entrevistado.

Segundo Haguette (1990), como instrumento de coleta de dados, a entrevista deve buscar captar o real, sem juízos do pesquisador ou das interferências externas que possam modificar aquele real original. O real não pode ser captado como num espelho e, por mais que nos esforcemos, tendemos a interpretá-lo a partir de nossas percepções subjetivas.

A entrevista semi-estruturada parte de certos questionamentos básicos, referentes aos objetivos e pressupostos que interessam ao estudo, que oferecem oportunidades de surgimento de novos questionamentos, a partir das respostas dos sujeitos investigados. Assim, o investigador segue a linha do pensamento e as experiências do investigado, participando ativamente na elaboração do conteúdo da pesquisa. Para Haguette (1990), esse tipo de entrevista é o que mais favorece a descrição, explicação e compreensão dos fenômenos sociais em sua complexidade, por manter sua presença consciente e atuante e, ao mesmo tempo, permitir a relevância da situação do investigado.

Triviños (1987) entende que a técnica da entrevista semi-estruturada valoriza a presença do investigador e oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), as entrevistas na investigação qualitativa podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a coleta de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas as situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na própria linguagem do sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.

Para Bogdan e Biklen (1994), ser investigador significa interiorizar o objetivo da investigação, à medida que se recolhem dados no contexto. Conforme se vai investigando, participa-se com os sujeitos, num processo de interação.

A inserção do pesquisador no campo está relacionada com as diferentes situações da observação participante por ele desejada. Para Minayo (1999), temos num pólo a participação plena, caracterizada por um envolvimento por inteiro, em todas as dimensões de vida do grupo a ser estudado. No outro, observamos um

distanciamento total de participação da vida do grupo, tendo como prioridade somente a observação. O pesquisador deve deixar claro para si e para o grupo sua relação como sendo restrita ao momento da pesquisa de campo. Ele pode desenvolver uma participação no cotidiano do grupo estudado, por meio da observação de eventos do dia-a-dia.

Nas ciências humanas e sociais, nas últimas décadas, passou-se a valorizar a participação do pesquisador no local pesquisado e perceber a necessidade de ver o mundo através dos olhos dos pesquisados.

Observar não é simplesmente olhar, mas destacar de um conjunto aspectos específicos que contribuem significativamente para o entendimento da totalidade do fenômeno.

São as problemáticas oferecidas pelos estudos que geram a necessidade da utilização da observação participante como aspecto importante no processo de pesquisa qualitativa.

As habilidades exigidas do observador, conforme colocações de Hall (apud LUDKE; ANDRE, 1986), podem garantir o sucesso do investigador ou determinar o seu fracasso. A pessoa precisa ser capaz de tolerar ambigüidades, de trabalhar sob sua própria responsabilidade, e deve inspirar confiança, ser pessoalmente comprometida, autodisciplinada, sensível a si mesma e aos outros, madura, consistente, capaz de guardar informações confidenciais.

O observador passa a fazer parte do contexto, no qual ele ao mesmo tempo modifica e pode ser modificado, pois estabelece uma relação face a face com os observados. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas.

Para Becker (1993), o observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Conversando com alguns ou com todos os participantes dessa situação, descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou.

Na observação participante, conforme Lessard-Hebert (1990), é o próprio investigador o instrumento principal de observação. De acordo com os postulados epistemológicos do paradigma interpretativo ou compreensivo, o investigador pode compreender o mundo social do interior, pois partilha a condição humana dos indivíduos que observa. A participação ou a interação entre observador e observado está a serviço da observação; ela tem por objetivo recolher os dados aos quais um observador exterior não teria acesso. Possibilita compreender um meio social que lhe é estranho ou exterior e que lhe vai permitir integrar-se progressivamente às atividades das pessoas que nele vivem.

As questões centrais da observação participante, para Minayo (1999), estão relacionadas aos principais momentos da realização da pesquisa, iniciando pela entrada em campo, passando pelas capacidades de empatia e de observação por parte do investigador e pela aceitação dele por parte do grupo. Todos são fatores decisivos nesse procedimento metodológico e não são alcançados por simples receitas.

Mostram-se também pertinentes às orientações de Chizzotti (1991), no que se refere à observação direta, que pode visar uma descrição fina dos componentes de uma situação como a dos sujeitos em seus aspectos pessoais e particulares, o local e suas circunstâncias, o tempo e suas variações, as ações e suas significações, os conflitos e a sintonia de relações interpessoais e sociais, as atitudes e os comportamentos diante da realidade.

Nos estudos de observação participante, quando o investigador conhece os sujeitos, a entrevista se assemelha a uma conversa entre amigos. Torna-se difícil separar a entrevista de outras atividades de integração. Nos estudos que confiam predominantemente na entrevista, geralmente o sujeito é considerado como um estranho.

Na verdade, grande parte do trabalho envolve a construção de uma relação entre o investigador e o sujeito, que passam a conhecer-se e a apostar na confiança de sentir-se à vontade, de tal forma que as entrevistas podem ser iniciadas por uma conversa banal.

Quando o investigador volta da observação ou entrevista, é comum que faça uma descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades, conversas, registra idéias, estratégias, reflexões e palpites. Essas são as notas de campo: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha dos dados.

As notas de campo são fundamentais para a observação participante, muitos esquecem que elas podem ser um suplemento importante a outros métodos de coleta de dados.

É o caso das entrevistas gravadas, situações fotografadas ou filmadas. O significado e contexto podem ser capturados mais completamente se o investigador escrever notas de campo (BOGDAN E BIKLEN, 1994).

Constitui-se quase que uma unanimidade, entre metodólogos que trabalham com métodos qualitativos, o entendimento de que a utilização conjunta dessas técnicas permite uma melhor apreensão da realidade estudada, bem como maior cuidado e valorização dos dados coletados.

As boas entrevistas podem caracterizar-se pelo fato de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista. Elas produzem uma grande riqueza de dados porque revelam as percepções dos respondentes.

Segundo Triviños (1987), o investigador deve estar em permanente estado de alerta intelectual. Embora ele esteja profundamente atento ao processo de descrever determinados fenômenos da forma mais verdadeira possível, toda sua mente estará envolvida no processo inteiro da pesquisa, para que nada fuja ao quadro que está tratando de esclarecer. Ao surgir alguma idéia motivada por qualquer detalhe daquilo que observa, essa inquietação deve ficar imediatamente registrada.

Para o registro dos dados, Minayo (1999) destaca a importância do uso do diário de campo. Esse diário, segundo a autora, é um instrumento ao qual podemos recorrer em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando. Nele, diariamente, são colocadas as percepções, as angústias, os questionamentos e

as informações que não são obtidos com as entrevistas semi-estruturadas.

O diário de campo é pessoal e intransferível e se estende desde a ida ao campo até a fase final da investigação. Quanto mais rico esse diário for em anotações, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e à análise do objeto estudado.

Para Patrício (1995, 1999), o diário de campo expressa os dados referentes aos contextos físico, cultural, social e afetivo que se está estudando: tudo o que se observa no ambiente, acompanhado de todas as expressões verbais e não-verbais que ocorrem. Registra as reflexões referentes ao método empregado, ao tema e aos seus sentimentos em relação ao estudo.

No contexto dos métodos qualitativos, para Minayo (1999, 2001), Triviños (1987), Bogdan e Biklen (1994) e Patrício (1995), a análise de dados é, em parte, desenvolvida concomitantemente com a coleta de dados. Dessa forma, a análise favorece o desenvolvimento do tema estudado gradativamente, sendo que um dado orienta a interpretação e compreensão de outros dados. Analisar o processo, possibilita ao pesquisador voltar com os dados ao sujeito para validar sua compreensão, suas impressões e aperfeiçoar aqueles dados ainda não bem nítidos; e permite ao pesquisador perceber o momento de saturação de dados tomando a decisão de continuar ou interromper a sua coleta. Para facilitar a compreensão das múltiplas conexões que compõem a realidade social estudada, os métodos qualitativos têm preferencialmente como laboratório o próprio contexto onde os fenômenos ocorrem.

Para Patrício (1995, 1999), a análise contempla a não-linearidade e integra as leituras intuitiva e analítica dos dados, pois são essas que dão conta de melhor atender a pressupostos dos novos paradigmas. Busca-se identificar categorias e temas, tendo como base o olhar sintético e construtivo das teorizações que emergem, que se explicitam e fundamentam nos dados por meio da leitura de análise, reflexão e síntese e da interligação de todos os dados.

Esse processo de interpretar os significados da linguagem humana requer minuciosa atenção ao conteúdo e à forma de suas expressões. Segundo Patrício (1995, 1999), esse olhar pode ser

associado à análise dialética dos dados, pois esse modelo é coerente com a busca da compreensão da totalidade da situação estudada, em suas múltiplas conexões subjetivas, biológicas, culturais e afetivas, num ambiente natural. A análise de grande parte dos dados qualitativos, por suas características, precisa passar pelo olhar da hermenêutica, que se refere ao conjunto de conhecimentos e técnicas que possibilitam explicitar e descobrir os significados trazidos pelos sujeitos do estudo.

Para Minayo (1999), a hermenêutica possibilita compreender as falas dos sujeitos da pesquisa, situando-as no contexto imediato em que foram geradas, o que permite compreendermos os significados do fenômeno estudado pela análise do conteúdo das falas.

A hermenêutica tem grande capacidade de realizar uma reflexão fundamental, que, ao mesmo tempo, não se separa da práxis. Pode-se dizer que o casamento dessas duas abordagens deve preceder e iluminar qualquer trabalho científico de compreensão da comunicação.

Os dados são analisados de tal modo que categorias importantes da realidade pesquisada emergem como parte do processo de construção das representações que possibilitaram um entendimento das múltiplas dimensões da realidade cotidiana em questão. O processo de análise, reflexão e síntese, conforme já referido, começa a partir do primeiro sujeito entrevistado no estudo piloto.

Um outro grande momento dos estudos de campo para Patrício (1995, 1999) caracteriza-se por interações de Saída do Campo. Estas podem estar acontecendo gradativamente no decorrer do processo de colher dados, mas têm seu caráter específico ao final deste. Dependendo do tipo do estudo, esses momentos podem representar apenas despedidas e agradecimentos, ou encaminhamentos futuros, ou mesmo podem representar o encontro, ou encontros, para a apresentação e devolução dos dados, se for o caso.

Numa abordagem qualitativa, a devolução dos dados constitui-se em um momento importante, não apenas por razões éticas, mas também como forma de avaliar os resultados obtidos no processo de investigação.

Existem alguns estudos que requerem que o pesquisador, antes de concluir e/ou publicar o relatório da pesquisa, mostre e valide o conteúdo, a análise e a discussão dos dados aos sujeitos participantes do estudo. Outros estudos têm como princípio ético, já estabelecido no processo de entrada de campo, a devolução dos dados aos sujeitos ou representantes, responsáveis pelo contexto em que foi desenvolvido o estudo e cujo tema diz respeito a questões coletivas.

SEÇÃO 2

A pesquisa quantitativa

O método em pesquisa significa a escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos. O trabalho de pesquisa deve ser planejado e executado de acordo com as normas requeridas por cada método de investigação.

A opção por métodos quantitativos é meramente operacional e determinada pelo problema e objetivos da pesquisa. Geralmente é antecedida por decisões de natureza estratégica, envolvendo ontologia, epistemologia e metodologia, e não exclui abordagens qualitativas complementares. Se, ao contrário, o pesquisador elege um método quantitativo e formula questões somente para exercitá-lo, acaba transformando a pesquisa em um simples exemplo didático, talvez bom para a sala de aula, mas sem relevância para a ciência (LESSARD-HEBERT et al. 1994).

A aplicação de métodos quantitativos torna possível estabelecer as prováveis causas a que estão submetidos os objetos de estudo, assim como descrever em detalhes o padrão de ocorrência dos eventos observados.

Tais métodos permitem abordar uma grande variedade de áreas de investigação e validar estatisticamente as variáveis em estudo e seus resultados podem ser generalizados, daí este tipo de pesquisa também ser chamado por alguns pesquisadores de pesquisa descritiva e de validação estatística.

É corriqueiro o entendimento de que essa metodologia é baseada nos rígidos critérios estatísticos, que servem de parâmetro para definição do universo a ser abordado pela pesquisa.

Como o nome já diz, o método quantitativo é útil para o dimensionamento de mercados, levantamento de preferências por produtos e serviços de parcelas da população, opiniões sobre temas políticos, econômicos, sociais, dentre outros aspectos.

Fundamentos teóricos e delineamentos da pesquisa quantitativa

Seguindo entendimento de Minayo e Sanches (1993), a pesquisa quantitativa utiliza a descrição matemática como uma linguagem para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre as variáveis. O papel da estatística é estabelecer a relação entre o modelo teórico proposto e os dados observados no mundo real. Deve ser utilizado como método de pesquisa quando o problema formulado tiver intenção de saber, por exemplo, qual a relação entre variáveis, qual a causa, qual o efeito ou conseqüência, qual a incidência, qual a prevalência.

Para Richardson (1999), o método quantitativo faz uma foto dos fatos e, com base nos princípios do positivismo, considera a realidade como formada por partes isoladas. Não aceita outra realidade que não seja os fatos, fatos que possam ser verificados. Busca descobrir as relações entre fatos/variáveis, visando o conhecimento objetivo, propondo a neutralidade científica, rejeitando os conhecimentos subjetivos, adotando o princípio da verificação. Só será verdadeiro aquilo que for empiricamente comprovado, usando o método das ciências naturais experimental-quantitativo, na perspectiva de propor a generalização dos resultados obtidos.

O método quantitativo, segundo Richardson (1999), caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples, como percentual, média, desvio-padrão, às complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão, entre outras.

Os passos para o desenvolvimento e aplicação do método quantitativo têm início com a definição dos objetivos que o pesquisador pretende alcançar. Em seguida, faz-se o levantamento da amostra do universo, ou seja, o número de entrevistas a ser realizadas, elaboração e aplicação de pré-teste para validação do questionário, posteriormente, a pesquisa de campo que trata da apuração, cruzamento e tabulação dos dados e, por fim, elaboração de relatórios para análise.

Consiste em realizar comparações entre as características de variados produtos e/ou serviços. Para tanto, faz-se a confrontação entre estes, sempre dois a dois, até que se esgotem todas as possibilidades de combinação. Esse arranjo matemático disponibiliza para o cliente uma grande quantidade de informações sobre suas vantagens e desvantagens frente à concorrência em aspectos como sabor, cor, odor, textura, formato, tamanho, dentre outros fatores (SILVA, 2004).

As questões de pesquisa devem ser inspiradas pela teoria ou por problemas. O plano e o método de análise de dados serão aqueles capazes de prover as melhores respostas e podem ou não envolver técnicas quantitativas.

Segundo Silva (2004), não é recomendável ficar aprisionado por um método específico e reduzir a própria perspectiva de análise. É comum encontrar trabalhos que foram confinados pela análise estatística e acabaram incapazes de produzir conclusões relevantes. Transformaram-se em meros exercícios de aplicação de análise de fatores. Silva resgata Karl Popper, que ilustrou a questão epistemológica fundamental, comparando o dilema entre os paradigmas fenomenológico e positivista com as imagens da nuvem e do relógio. Enquanto a nuvem representa fenômenos irregulares e com alto grau de imprevisibilidade, o relógio simboliza o oposto, a ordem, a regularidade e a previsibilidade. Os métodos quantitativos, sempre que necessário, suportados por abordagens qualitativas, constituem importantes mecanismos dentro do paradigma positivista para retratar realidades complexas, que, por seu turno, se parecem mais com nuvens do que com relógios. Se os relógios não estiverem corretamente ajustados, o terreno conquistado com trabalho duro e dedicado corre o risco de ser perdido, restando tão-somente nuvem sobre nuvem.

Para Richardson (1999), o método quantitativo representa a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e interpretação, possibilitando uma margem de segurança quanto às sentenças. É freqüentemente aplicado nos estudos descritivos, naqueles que procuram descobrir e classificar a relação entre variáveis, bem como nos que investigam a relação de causalidade entre os fenômenos.

Os estudos quantitativos, segundo Richardson (1999), procuram investigar a correlação entre variáveis e permitem controlar, ao mesmo tempo, um grande número de variáveis e, por meio de técnicas estatísticas de correlação, especificar o grau pelo qual diferentes variáveis estão relacionadas, oferecendo ao pesquisador entendimento do modo pelo qual as variáveis estão operando.

Existem algumas limitações nos estudos correlacionais, estas são evidenciadas por pesquisadores que criticam o fato de se adotar um procedimento predominantemente quantitativo, especialmente para se explicar fenômenos psicológicos e sociais.

É a partir da década de 70 que vai se consolidando a procura por métodos alternativos de pesquisa nas Ciências Sociais, baseada nas críticas filosóficas, políticas e técnicas aos métodos quantitativos.

Atividades de auto-avaliação

1 Converse com o seu orientador e decida o método de pesquisa que será adotado para elaborar o seu projeto de pesquisa e sua monografia.

2 Você deverá se dirigir a uma biblioteca universitária, localizar no acervo uma monografia baseada no método qualitativo e uma monografia baseada no método quantitativo, realizar a leitura da parte de fundamentação do método escolhido. Esse exercício auxiliará você na escolha de seu método de pesquisa.

Síntese da unidade

Você observou que as duas modalidades de pesquisa são recomendadas, entretanto, o pesquisador deverá escolher uma modalidade como prioritária para a pesquisa que pretende desenvolver. Reiteramos que dados qualitativos são aqueles colhidos em campo de observação e que dependem de interpretação do pesquisador de acordo com o contexto da pesquisa. E dados quantitativos são os baseados em números, normalmente trabalhamos com estatística e são diversos os programas estatísticos que poderão ser usados para tratamento dos dados colhidos.

UNIDADE 4

4

Técnicas de pesquisa científica

Objetivos de aprendizagem

- Identificar a utilidade das técnicas na pesquisa científica.
- Apresentar as técnicas aplicadas na pesquisa científica.
- Correlacionar as técnicas aos objetivos pretendidos com a pesquisa.

Plano de estudo da unidade

Nesta unidade, você estudará as seguintes seções:

- Seção 1 Pesquisa de campo 60
- Seção 2 Pesquisa bibliográfica 61
- Seção 3 Estudo de caso 63
- Seção 4 Pesquisa biográfica 64
- Seção 5 Pesquisa-ação 65
- Seção 6 Pesquisa participante 67
- Seção 7 Entrevista 68
- Seção 8 Questionário 70

Para início de conversa

Neste capítulo, você vai estudar as técnicas utilizadas para realizar a pesquisa, ou seja, você verá alguns instrumentos que podem ser usados para coleta dos dados.

Técnicas de pesquisa

As técnicas são os meios pelos quais se chega aos dados a ser examinados. Daí a importância da escolha certa da técnica a ser utilizada em relação àquilo que se pretende pesquisar.

A "escolha certa" é aquela que recai sobre o procedimento de pesquisa que melhor se adequar ao problema que se deseja investigar.

A escolha da técnica de pesquisa, portanto, exige coerência entre os objetivos a que se propõe a pesquisa e as possibilidades que a técnica nos oferece.

Uma pesquisa que busca avaliar o grau de satisfação dos consumidores de um determinado serviço público deverá utilizar o questionário como técnica de pesquisa. Podendo ele constituir-se de questões abertas ou fechadas (como você verá em seguida), dependendo do tempo disponível para a obtenção dos resultados e do universo a ser pesquisado.

As técnicas de pesquisa não são excludentes entre si. Podemos combinar duas (ou mais) técnicas no decorrer da mesma pesquisa, desde que se mantenha a coerência entre elas e os objetivos de nosso trabalho.

O estudo de caso pode vir combinado com a entrevista e com a pesquisa bibliográfica, de forma a tirarmos o maior proveito das fontes disponíveis para o conhecimento de nosso objeto de investigação.

Conhecer as técnicas é fundamental para a eficiência ao empregá-las.

Vamos a elas!

SEÇÃO 1

Pesquisa de campo

Na pesquisa de campo, a coleta dos dados se dá, como expresso no nome, onde acontecem os fenômenos focalizados pela investigação, ou seja, buscam-se dados a partir do contexto onde há manifestação deles.

Há, na pesquisa de campo, uma relação direta entre aquilo que se deseja conhecer e o espaço (delimitado pelo pesquisador) de suas manifestações.

Podemos utilizar a pesquisa de campo numa abordagem qualitativa e também quantitativa, uma vez que a observação do pesquisador, como requisito dessa técnica, é exigida, em ambas as abordagens.

Franz Boas, geógrafo francês, introduziu a pesquisa de campo como técnica de pesquisa científica no Brasil. Essa técnica orientou as pesquisas antropológicas realizadas em território brasileiro, nas duas primeiras décadas do século XX.

A pesquisa de campo apresenta a vantagem de ser aberta, de ser receptiva às imprevisibilidades dos dados a ser analisados. Trata-se de técnica pouco diretiva em relação à confirmação das hipóteses de trabalho.

Por outro lado, essa técnica exige firmeza de objetivos e limites bem definidos no que diz respeito à extensão da pesquisa e ao tempo disponível para a coleta de dados. Todos os procedimentos anteriores à aplicação da técnica, na montagem do projeto de pesquisa, devem estar bem claros para o pesquisador.

A pesquisa de campo é muito utilizada em pesquisas de comportamento. Veja o exemplo a seguir:

Qual a influência, em graus comparativos, da instalação de equipamentos esportivos pelo poder público em áreas urbanas, de ocupação geopolítica pelas classes de padrão de consumo A e C?

SEÇÃO 2

Pesquisa bibliográfica

Em oposição à pesquisa de campo, que lida com as fontes em movimento, na pesquisa bibliográfica o trabalho do pesquisador está voltado para os registros escritos existentes sobre o universo em questão.

A pesquisa bibliográfica lida com o caminho teórico e documental já trilhado por outros pesquisadores e, portanto, trata-se de técnica afinada com os propósitos da atividade de pesquisa, de modo geral. Pois, segundo LAKATOS (2001, p.56), a atividade de pesquisa "[...] permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo de conhecimento". Daí, você pode concluir que a pesquisa bibliográfica é nossa grande aliada no desenvolvimento do conhecimento científico, uma vez que partindo daquilo que foi sistematizado, em cada campo de conhecimento, com essa técnica avançamos a cada pesquisa realizada.

A escolha da pesquisa bibliográfica, por óbvio, deve corresponder a um tema de pesquisa que possua uma gama considerável de trabalhos sistematizados e publicados, disponíveis à pesquisa.

A pesquisa bibliográfica deve compreender, pelo menos, dois momentos:

- **Primeiro:** o de compilação (reunião do material) do material disponível em livros, revistas, dissertações e teses, publicações avulsas, *sites* na Internet etc.
- **Segundo:** o de fichamento, que consiste no registro das observações consideradas pertinentes pelo pesquisador durante a leitura e análise do material pesquisado.

É recorrente, nos livros de metodologia científica, a afirmação de que a pesquisa bibliográfica tem a vantagem da estabilidade dos dados. Nesse caso, os resultados obtidos não sofrem alterações que podem ocorrer dependendo das circunstâncias que envolvem o momento de contato para a coleta dos dados. "Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica". (GIL, 1991, p. 52)

A técnica de pesquisa bibliográfica é normalmente utilizada em conjunto com outras técnicas de pesquisa, principalmente por fornecer aporte teórico às pesquisas descritivas.

Na pesquisa bibliográfica, o pesquisador tem a vantagem de contar com nomes de reconhecimento científico que, se usados apropriadamente, legitimam as comprovações de hipóteses levantadas no processo de investigação.

Além disso, a pesquisa bibliográfica tem servido à confecção de catálogos de referências acadêmicas, para cada área de conhecimento. O próprio resultado das pesquisas realizadas por meio dessa técnica serve de fonte de consulta para trabalhos subseqüentes.

A pesquisa bibliográfica pode recorrer às fontes primárias ou secundárias. Como primárias consideramos as documentais, ou seja, são fontes primárias aquelas nas quais os dados estão na forma como o fenômeno pesquisado aparece: fotografias, gravações, mapas, cartas, pinturas e outras.

Por outro lado, por fontes secundárias entendemos as que já receberam algum tipo de análise e sistematização. É aquilo que já foi publicado sobre o objeto pesquisado: artigos, ensaios, dissertações e/ou teses, livros, revistas, entrevistas, reportagens e outras. Veja o exemplo a seguir:

Ex

As produções cinematográficas brasileiras durante o período político da ditadura militar, classificadas por região, por autor e por ano.Nesse caso, a técnica tanto pode recorrer às fontes primárias (os próprios filmes), quanto às secundárias (as reportagens, as críticas, os ensaios) que em conjunto ampliam os resultados da pesquisa.

SEÇÃO 3

Estudo de caso

É a técnica de pesquisa utilizada quando o objeto a ser pesquisado é único. Diferente das comparativas, a pesquisa que se desenvolve pela técnica do estudo de caso busca o aprofundamento de um único fenômeno. Podemos dizer que com o estudo de caso a pesquisa adquire uma complexidade vertical em torno de um só objeto.

Essa técnica pode destinar-se à pesquisa de um fato social, de uma pessoa, de uma família, de uma empresa ou de uma comunidade.

Na comunidade do Campeche, município de Florianópolis, quais as lideranças existentes e o grau de influência delas no desenvolvimento da comunidade?

Miriam Goldenberg (1997, p. 33) afirma: "Este método supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso. Adaptado da tradição médica, o estudo de caso tornou-se uma das principais modalidades de pesquisa qualitativa em ciências sociais".

O estudo de caso é muitas vezes denominado de exploratório, pois reconhecida a flexibilidade da técnica, podemos trabalhar com o desdobramento das informações obtidas, sem, é claro, perdermos de vista a relevância das informações para o conhecimento do objeto central da pesquisa.

Na eleição do estudo de caso, o cuidado deve recair sobre a delimitação do objeto único. Devemos buscar casos típicos, de destaque e não anormais em relação a outros de sua espécie, permitindo com isso que os resultados da pesquisa sirvam às generalizações pretendidas nos estudos científicos. Trata-se, portanto, de uma técnica que exige **raciocínio analógico e não comparativo.**

SEÇÃO 4

Pesquisa biográfica

É a técnica de pesquisa pela qual podemos reconstruir a trajetória de vida de uma pessoa. Podemos aplicá-la a personagens vivos à época da pesquisa ou postumamente.

Essa técnica não dá preferência pela eleição de pessoas com notoriedade, podendo servir para o estudo de pessoas anônimas, porém representativas de determinado grupo social.

Muito utilizada em ciências humanas e sociais, a biografia nos permite comprovar veracidade científica de conceitos e/ou enunciados teóricos, por meio de experiências vividas pelo sujeito pesquisado.

As instituições destinadas à internação de adolescentes são co-responsáveis pelos comportamentos anti-sociais de adultos. Hipótese norteadora da pesquisa realizada com Manoel Z, cumprindo pena em instituição carcerária brasileira, utilizando a técnica de reconstrução da história de vida.

A técnica de pesquisa biográfica apresenta grande vantagem nos estudos que buscam conhecer contextos sócio-culturais dos quais participaram os sujeitos da investigação científica. Uma vez que se compreendem os sujeitos sociais como representativos, como portadores de certos traços culturais presentes em cada época, é possível obter dados contextuais a partir de uma biografia. Mirian Goldenberg (1997, p.45) afirma que a utilização da biografia, nas pesquisas em ciências sociais, *"[...]* é uma maneira de revelar como as pessoas universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem".

Um político que circule nas esferas de poder federal pode revelar, por sua trajetória de vida, os comportamentos sociais da elite política em determinada época da história do País.

A escolha da biografia, como técnica de pesquisa, deve vir acompanhada de outras opções de instrumentos, como por exemplo, da pesquisa bibliográfica, do estudo de caso e da entrevista. Reconstituir uma história de vida exige-nos flexibilidade e senso de oportunidade para adaptarmos as ferramentas (as técnicas) a cada grupo de dados que buscamos coletar. Podem surgir perguntas como: as informações a respeito da vida privada devem vir da pesquisa bibliográfica ou da entrevista? As informações obtidas por meio da entrevista são mais valiosas do que as recolhidas na pesquisa documental?

Mirian Goldenberg (1997, p.41) escreveu sua tese de doutorado sobre Leila Diniz,"buscando entender como ela se tornou um modelo para as pessoas de sua época". A tese intitulou-se "Toda mulher é meio Leila Diniz" e foi publicada em 1995 pela Editora Record.

Os pesquisadores alertam para o fato de que as autobiografias revelam, via de regra, uma face da realidade recortada pelo pesquisado e não, necessariamente, a complexidade dos fatos em todas as suas perspectivas. Cabe a nós, pesquisadores, compor a amplitude da história cotejando as informações em todas as fontes.

SEÇÃO 5

Pesquisa-ação

A pesquisa-ação é a técnica de investigação científica que pressupõe uma interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa.

Thiollent (apud GIL, 2002, p.55) define a pesquisa-ação como,

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Quando buscamos essa técnica, procuramos a resolução de um problema para o qual não há uma resposta pronta, mas que deve ser buscada concomitantemente com a investigação dos fatores de influência. As questões que originam a pesquisa, nesse caso, são oriundas de situações-problema vivenciadas tanto pelo pesquisador, quanto pelos demais participantes da pesquisa.

Diferente de outras técnicas, na pesquisa-ação o planejamento é o procedimento que acompanha toda a pesquisa, não sendo etapa anterior à coleta de dados, como comumente se trabalha nas outras formas de pesquisar**.**

Como o próprio nome diz, a técnica se desenvolve em um processo dinâmico de pesquisa e de ação, sendo que a cada fase de investigação corresponde uma fase de ações. Ações essas que, por sua vez, estão baseadas nos dados obtidos e analisados na etapa imediatamente anterior.

De maneira geral, consideramos como finda a pesquisa, que utiliza essa técnica para seu desenvolvimento, quando há solução do problema de origem, ou há satisfação dos participantes quanto aos resultados obtidos.

Acompanhe o exemplo a seguir:

- **Problema:** Conflitos de relacionamento interpessoal entre funcionários da Empresa X, afetando a produção coletiva do grupo e, conseqüentemente, reduzindo os lucros esperados para o setor.
- **Hipótese:** Distribuição desequilibrada de tarefas. Salários diferenciados para iguais funções.
- **Realização do seminário:** Socialização dos dados obtidos entre os funcionários do setor, ou seus representantes, e as chefias.
- **Análise dos dados:** Há necessidade de revisão do fluxograma da empresa. Falta plano de cargos e salários.
- **Elaboração do plano de ação:** Formação de comissões internas de cada setor da Empresa, fazendo levantamento de tarefas a ser executadas e do número de funcionários disponibilizados para cada tarefa. Formação de comissão composta por um membro de cada comissão setorial para revisão minuciosa dos serviços executados dentro da Empresa.
- **Retomada das hipóteses** e nova formulação/realização de seminário etc.

A pesquisa-ação caracteriza-se pela retomada sistemática de cada etapa do trabalho investigatório, pois a cada grupo de resultados a ser divulgados corresponde a reorganização do planejamento da pesquisa.

Esse instrumento de pesquisa é muitas vezes criticado pelos pesquisadores, pois representa altos índices de subjetividade ao depender do envolvimento do pesquisador com os pesquisados. Por outro lado, vem sendo bastante utilizado por aqueles que concebem o ato de pesquisar como uma maneira de interferir na realidade, principalmente por essa interferência mobilizar democraticamente a participação dos envolvidos nas soluções dos problemas.

SEÇÃO 6

Pesquisa participante

A pesquisa participante assemelha-se à pesquisa-ação no que diz respeito a relação do pesquisador com o contexto de investigação. Ambas pressupõem uma identificação do pesquisador com as questões de pesquisa. No entanto, a pesquisa participante não está presa à busca de soluções para os problemas de origem da pesquisa.

O uso dessa técnica exige-nos conhecimento do ambiente da pesquisa. Segundo Gil (1996, p. 134):

> A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem. Para tanto, os pesquisadores devem adotar preferencialmente técnicas qualitativas de coleta de dados e também uma atitude positiva de escuta e de empatia. Isso pode implicar conviver com a comunidade, partilhar o seu cotidiano [...].

Os efeitos do planejamento didático-pedagógico dos professores da rede pública municipal no desenvolvimento motor e cognitivo das crianças de 0 a 6 anos.

As pesquisas participantes surgiram das pesquisas de comunidade, de amplo cunho social. No Brasil, as décadas de 70 e 80, do século XX, abrigaram um grande número de pesquisas participantes, através dos movimentos sociais e, posteriormente, das organizações não-governamentais (ongs).

Como já vimos em casos anteriores, a pesquisa participante também necessita conjugar-se a outras técnicas de investigação. Aqui o estudo de caso é de grande valia, bem como a pesquisa bibliográfica.

Apesar do envolvimento do pesquisador com o ambiente de pesquisa ser uma característica da técnica, é necessário que tenhamos clareza dos objetivos do trabalho e senso crítico, evitando, com isso, que analisemos de forma emotiva os resultados.

SEÇÃO 7

Entrevista

Constitui-se em técnica aplicada, em momento formalizado, colocando frente a frente o pesquisador e a fonte de dados – o entrevistado.

Quanto às perguntas a ser formuladas, a entrevista pode ser classificada em parcial ou totalmente estruturada. No primeiro caso, devemos ter um roteiro que oriente nossas perguntas, embora possamos deixar o entrevistado "levar" as respostas pelas relações estabelecidas por ele próprio, entre um dado e outro.

Na entrevista totalmente estruturada, as perguntas são formuladas antecipadamente e seguem uma ordem estabelecida pelos pesquisadores. Geralmente, para as entrevistas estruturadas, levamos as perguntas escritas e registramos as respostas também por escrito ou em um gravador.

O pesquisador deve saber conduzir a entrevista, pois sua presença tanto pode ser um elemento facilitador, quanto inibidor das respostas. Antonio Carlos GIL (2002, p.118) alerta: "Algumas características inconvenientes para um entrevistador são: problemas de dicção, opinião apaixonada sobre o problema da pesquisa, timidez,[...]". Ao que acrescentaríamos a desinformação a respeito do assunto a ser pesquisado.

Fundamental para a eficácia da técnica de entrevista é a escolha das perguntas, principalmente no que se refere à clareza da linguagem utilizada, à pertinência da pergunta em relação ao assunto em questão e não induzir às respostas.

As perguntas podem ser formuladas de forma direta ou indireta.

Como exemplo da forma direta podemos citar: "Você é favorável ao aborto?"; e como forma indireta: "O que você pensa sobre as mulheres que praticam o aborto?"

No momento de aplicação da técnica de entrevista, devemos nos abster de comentar ou analisar as respostas. Não devemos confundir um ambiente agradável para a entrevista com a intromissão do entrevistador no encadeamento das idéias ou mesmo nas respostas do entrevistado.

Há pesquisas que utilizam recursos audiovisuais (músicas, *jingles*, fotografias, pinturas) para motivar as respostas. É o caso das pesquisas de marketing ou de psicologia comportamentalista.

Caso o estudo a ser feito atinja um universo superior a dez entrevistados, as entrevistas devem ser padronizadas, ou seja, as perguntas deverão ser iguais para todos, mesmo que a pesquisa tenha caráter qualitativo, ficando as diferenças entre as opiniões por conta das respostas fornecidas. Isso vale ainda mais quando pretendemos uma pesquisa de caráter quantitativo.

A entrevista apresenta grande vantagem de utilização em pesquisas em que o universo pesquisado se compõe de pessoas não alfabetizadas, ou mais aptas à oralidade como forma de expressão. A entrevista é uma excelente técnica também para as pesquisas ligadas aos assuntos de foro íntimo (emocionais e éticos, por exemplo), pois permite a flexibilidade na emissão de opiniões.

Mesmo considerando que a técnica de entrevista tem função investigativa, devemos nos informar sobre o assunto a ser abordado na entrevista, lendo o que houver disponível acerca dele, antes de iniciarmos as entrevistas.

■ **SEÇÃO 8**

Questionário

Trata-se da formulação, por escrito, das questões que no conjunto subsidiarão o resultado da pesquisa. É a técnica mais usada em pesquisas, isoladamente ou em associação a outras técnicas.

Antonio Carlos Gil (2002, p.115) afirma: "pode-se verificar que o questionário constitui o meio mais rápido e barato de obtenção de informações, além de não exigir treinamento de pessoal e garantir o anonimato". No entanto, observa que o questionário, mais do que a entrevista, colhe informações sobre um ponto de vista restrito, unilateral, podendo o pesquisado falsear a realidade fornecendo respostas que julgar ideais e não reais.

Cuidados que devemos ter na elaboração do questionário:

- o instrumento de coleta de dados deve conter instruções sobre seus objetivos, sobre o preenchimento e sobre a(s) forma(s) de devolução do instrumento ao pesquisador;
- a clareza e a precisão da linguagem, eliminando as possibilidades de duplicidade de sentidos e de interpretações;
- nas questões que possibilitem duas ou mais respostas, as opções devem vir explicitadas no questionário;
- não incluir numa mesma questão duas perguntas;
- caso haja necessidade de perguntas complementares, estas devem vir separadas em duas (ou mais) questões;
- os espaços disponíveis para o registro das resposta devem ser compatíveis com o que está sendo questionado;
- a redação das perguntas não deve conter palavras que induzam à resposta, ou que contenha juízos de valor do pesquisador;
- o número de questões formuladas deve considerar o tempo consumido pelos pesquisados para as respostas, bem como do pesquisador para tratamento e análise dos dados.

Para segurança da coleta dos dados, devemos realizar um teste de eficácia do instrumento, aplicando-o em uma pequena amostragem do público alvo da pesquisa. Após a análise das respostas obtidas no teste, seremos capazes de adequar o questionário, aprimorando a técnica em consonância com os objetivos de nosso trabalho.

Testar o questionário oferece mais credibilidade para os resultados de nossa pesquisa.

O questionário pode conter perguntas abertas e/ou fechadas. As perguntas abertas são aquelas que exigem elaboração das respostas e são apresentadas em frases que expressam a opinião dos pesquisados.

Veja um exemplo de pergunta aberta:

Na sua opinião, porque os cidadãos se dizem descrentes dos políticos?

As perguntas fechadas têm alternativas fixas de resposta, e geralmente as opções vêm expressas no próprio questionário. Observe os exemplos:

Exemplo 1

Você já votou em branco?

☐ Sim.
☐ Não.
☐ Não lembra.

O questionário permite o cruzamento de dados entre questões (ou entre grupos de questões). Exemplo disso são as pesquisas de opinião que pretendem obter informações divididas por faixa etária, ou por nível sócio-econômico.

Ou ainda,

Exemplo 2

Na sua opinião, o voto em branco significa:

☐ Falta de conhecimento das propostas dos candidatos.
☐ Indecisão em quem votar.
☐ Descrédito nos políticos.
☐ Indiferença no que se refere aos assuntos políticos.

Dependendo do assunto a ser pesquisado, é indicado que façamos no mesmo questionário perguntas abertas e fechadas. Sempre considerando que as perguntas abertas são mais trabalhosas de ser comparadas e analisadas.

Ainda, quanto à técnica de questionário, vale lembrar que podemos desenvolvê-la de forma direta, ou seja, em contato direto com o pesquisado lemos as perguntas e registramos as respostas. Há possibilidade também de distribuirmos os questionários e aguardarmos o preenchimento, para então recolhê-los.

Se a opção for pela forma indireta, podemos lançar mão do envio pelo correio, preferencialmente acompanhado de cartão-resposta, ou por meio eletrônico. Sendo que, nesses casos, podemos atingir um número maior de pesquisados, mas, em contrapartida, precisamos estar preparados para a não devolução de parte dos questionários enviados.

Sobre as técnicas de pesquisa, consultar também:

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Metodologia científica no caminho de Habermas. 3.ed. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1997.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa empírica em ciências humanas**. São Paulo : Siciliano, 2001.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 5.ed. Petrópolis : Vozes, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22.ed. São Paulo : Cortez, 2002.

Atividades de auto-avaliação

1 Partindo dos objetivos de sua pesquisa, escolha a(s) técnica(s) que você utilizará.

2 Em caso de escolher mais de uma técnica, certifique-se de que há coerência entre elas e os objetivos pretendidos.

3 Descreva, para você mesmo, os passos necessários para o desenvolvimento da(s) técnica(s).

Síntese da unidade

Nesta unidade, você tomou conhecimento das técnicas de pesquisa mais utilizadas na atualidade. Certificou-se também de que são as técnicas que lhe proporcionarão o desenvolvimento da pesquisa, ou seja, são elas as responsáveis pela forma como serão obtidos os dados para análise.

Foi possível perceber que, em várias situações de pesquisa, é válido utilizar mais de uma técnica, pois mesmo resguardando as peculiaridades de cada uma, em conjunto, elas podem fornecer maior abrangência aos objetivos do pesquisador.

Lembre-se sempre de que a técnica deve estar a serviço dos interesses da pesquisa, deve se adequar ao conjunto do projeto.

■ **UNIDADE 5**

5

O projeto de pesquisa

Objetivos de aprendizagem

- Fornecer instrumental teórico-prático que possibilite a elaboração a operacionalização de projetos de pesquisa.

Plano de estudo da unidade

Nesta unidade, você estudará as seguintes seções:

- Seção 1 Orientações para o desenvolvimento do projeto de pesquisa 77
- Seção 2 Estrutura do projeto de pesquisa 80

Para início de conversa

Nesta unidade, você conhecerá os itens que deverão constar do seu projeto de pesquisa e orientações a ser seguidas para sua construção.

SEÇÃO 1

Orientações para o desenvolvimento do projeto de pesquisa

A pesquisa é busca do conhecimento e solução de problemas. Com o projeto de pesquisa é possível mapear de forma sistemática o caminho da investigação, evitando desperdício de tempo e recursos desnecessários.

Não existe regra formalizada com relação aos elementos que compõem um projeto de pesquisa, mas tratamos de indicar as etapas que você deverá seguir para elaborar seu projeto, facilitando assim o seu estudo.

O projeto de pesquisa deve ser visto como um processo de redução de incerteza. O pesquisador começa apenas com uma vaga noção de pesquisar um determinado assunto que geralmente comporta vários projetos de pesquisa.

Ao estudar e investigar o assunto, você deve procurar reduzir o número de possíveis projetos e sua magnitude em função das seguintes providências:

1. estudo da literatura atinente ao projeto;
2. exclusão de tópicos já suficientemente estudados;
3. identificação de fatos novos e questões controvertidas;
4. divisão do problema ou da questão em seus componentes ou determinantes básicos;
5. identificação dos aspectos mais interessantes e factíveis como tema de pesquisa.

Um projeto de pesquisa normalmente se apresenta ao aluno como um empreendimento de proporções gigantescas que se situa além de sua capacidade de executá-lo.

Na maioria das vezes, o projeto inicialmente contemplado é, de fato, demasiadamente ambicioso e, nesse caso, deve ser melhor dimensionado. Em alguns casos, a delimitação do tema resolve essa problemática.

A exeqüibilidade do projeto somente surge após ampla investigação do assunto e sistemática formulação da metodologia de abordagem do problema.

O ciclo de vida da pesquisa

O ciclo de vida de uma pesquisa é uma marcha sistemática do geral para o específico. O roteiro dessa marcha pode ser traçado pelas seguintes etapas:

1. determinação da área de interesse para a pesquisa;
2. averiguação e investigação das possibilidades de pesquisa;
3. estudo sumário de tópicos de interesse para posterior comparação e avaliação;
4. subtopificação e redução das alternativas aos dois ou três melhores e mais factíveis temas;
5. estudo da bibliografia atinente a cada tópico;
6. seleção do tópico (problema);
7. determinação da metodologia de pesquisa adequada;
8. desenvolvimento do tópico escolhido;
9. estudo exaustivo do tema final e das pesquisas existentes relacionadas com o assunto;

10. preparação e apresentação do plano de execução da pesquisa (proposta);
11. desenvolvimento do projeto;
12. coleta de dados e informações para o teste ou modelo estatístico adotado (se for o caso);
13. elaboração e apresentação do relatório da pesquisa (monografia, dissertação ou tese);
14. defesa do trabalho (quando houver exigência institucional).

Acontece, muitas vezes, de o pesquisador considerar que sua pesquisa não tem mais fim. Toda pesquisa tem início e fim. Você deverá atentar para seu cronograma e se satisfazer com a pesquisa realizada, sob pena de nunca entregar sua monografia.

Toda pesquisa é um experimento científico mediante o qual se procura formular objetivos/hipóteses ou modelos que devem ser testados, aprovados ou reprovados à luz de dados e informações pertinentes, normalmente coletados e tratados por processos estatísticos ou análise de laboratório.

Quem se inicia em pesquisa normalmente estranha que o projeto tenha que obedecer a critérios aparentemente tão exigentes. Todavia, o propósito desses critérios é não dificultar o trabalho do pesquisador.

A finalidade do projeto é assegurar a existência de um processo de clara definição de objetivos, de percepção de problemas e de encaminhamento de soluções, destinado a facilitar a execução das tarefas e a evitar que o aluno se veja confrontado com obstáculos inesperados, desperdiçando tempo e esforço desnecessários.

O projeto de pesquisa é de fundamental importância para o aluno e orientador. Para o primeiro, traz os benefícios do trabalho bem planejado; para o segundo, representa um plano de ação e uma definição de objetivos que podem ser analisados e acompanhados com precisão.

Um projeto de pesquisa adequado deve ter o tamanho das necessidades de um perfeito planejamento; nada dele é perdido, terá partes que serão inteiramente aproveitadas na versão final do trabalho, no caso de seu curso, a monografia.

Como iniciar o projeto?

Elaborar um projeto (principalmente da primeira vez) é uma tarefa difícil e demorada, que só pode ser realizada em etapas. Existe uma cronologia, mas ao mesmo tempo, à medida que se avança no projeto, muitas vezes é preciso retroceder e modificar as etapas anteriores.

Alguns iniciantes em pesquisa ficam paralisados e outros surpresos com a tarefa de elaborar um projeto de pesquisa, a maioria não sabe o que fazer, nem como fazer.

Para facilitar a elaboração do seu projeto, na próxima seção, apresentamos e explicamos as etapas que você deve seguir.

SEÇÃO 2

Estrutura do projeto de pesquisa

O projeto de pesquisa deve conter quatro partes fundamentais:

1. A primeira apresenta o tema do trabalho, a situação problemática, a justificativa e os objetivos do projeto.
2. A segunda contém a revisão e discussão da literatura sobre o assunto.
3. A terceira parte trata do método a ser utilizado no trabalho.
4. O cronograma de trabalho.

Além das partes apresentadas, tem sido uma exigência, no caso dos projetos de prática profissional ou financiados, a inclusão de um orçamento.

A distinção de cada uma das partes e sua inter-relação deve ser compreendida pelos alunos para que o trabalho apresente consistência interna.

Escolha e definição do tema

Na escolha do tema, você deve dimensionar o interesse que tem pelo assunto; avaliar se possui qualificação (intelectual) para submetê-lo a uma investigação; verificar se existe bibliografia especializada suficiente para sua fundamentação.

O tema deverá indicar, sob forma de enunciado, os aspectos que serão investigados na pesquisa.

Ao concluir um curso de pós-graduação, você terá escolhido uma área de especialização que deve conhecer melhor do que qualquer outra.

O campo de atuação da pesquisa pode estar estreitamente ligado a sua área de especialização. Ao avaliar o tema, você deverá levar em consideração os seguintes fatores:

1. adaptabilidade dos seus conhecimentos ao estudo do tema;
2. disponibilidade de orientação acadêmica na área em consideração;
3. avaliação, através de investigações e consultas, das possíveis dificuldades a ser enfrentadas e do interesse dos possíveis orientadores na realização do projeto;
4. consideração dos recursos e do tempo necessário à execução do trabalho;
5. percepção de que o trabalho de pesquisa é apenas um requisito para a conclusão do curso, cujo cumprimento, em tempo hábil, deve ter prioridade sobre interesses e ambições de pesquisa a longo prazo que o aluno possa acalentar.

O processo de execução de uma pesquisa será tanto mais fácil quanto maior for a experiência adquirida pelo pesquisador por meio do estudo de outras pesquisas na sua área de especialização.

A definição do tema é, naturalmente, o primeiro obstáculo com que se defronta o pesquisador.

Preferivelmente, a definição deve ser buscada o mais cedo possível, de modo que você possa contar com bastante tempo para amadurecer a idéia e discernir o problema com clareza.

Procedimentos para escolha do tema:

1. observação e anotação dos assuntos polêmicos tratados em aula;
2. sondagem com os professores sobre os seus interesses de pesquisa;
3. adaptação de estudos estrangeiros à realidade local;
4. criação de testes estatísticos para novas propostas e sugestões de solução de problemas conhecidos;
5. consulta a listas de pesquisas em andamento em outros centros, a título de orientação;
6. repetição de pesquisas anteriores, devido a mudanças significativas nas principais variáveis, geográficas ou temporais, assegurarem novas aplicações ou descobertas.

Alguns critérios, se levados em conta, podem ajudar na escolha e delimitação do tema:

- Seja relevante para a área, com alguma ligação pelo menos entre duas disciplinas do curso.
- Seja viável, considerando o acesso às fontes das informações ou dos dados.
- Considere o limite de tempo para a execução do trabalho final.
- Considere outros recursos, como custo, disponibilidade de bibliografia e de orientação.
- Seja de interesse pessoal, para o curso, a instituição e o orientador.

Formulação do problema

A definição do problema é provavelmente a parte mais difícil de ser elaborada porque a definição cabe ao autor do projeto.

O que se requer no projeto é que a prática seja repensada em termos de melhoria ou solução de problemas, proposta de mudança que visa resolver problemas ou explorar oportunidades.

Nenhum projeto vai solucionar todos os problemas, logo, você tem que definir um problema que possa ser tratado com os recursos (custo, tempo, orientação, competências) de que você dispõe.

É importante destacar que essa fase requer uma série de pesquisas exploratórias no ambiente organizacional ou na literatura,

para que seja possível reconstruir a situação problemática e definir objetivos claros e viáveis para tratá-la.

Pensar na justificativa do projeto auxilia também na definição do problema.

Gil (1995, p. 57-58) aponta cinco "regras" para a adequada formulação do problema:

1. o problema deve ser formulado como uma pergunta;
2. o problema deve ser delimitado a uma dimensão viável;
3. o problema deve ter clareza;
4. o problema deve ser preciso;
5. o problema deve apresentar referências empíricas.

As regras não são absolutamente rígidas e devem ser moldadas à especificidade do problema. Cada orientador possui uma forma própria de problematizar.

Justificativa

Justificar é apresentar razões para a própria existência do projeto! Esse item é importante porque obriga o autor a refletir sobre sua proposta de maneira abrangente e o faz situar na problemática.

Na justificativa, você deve apresentar reposta às seguintes perguntas: por que se pretende realizar a pesquisa? Quais o motivos? Nessa apresentação, o pesquisador pode demonstrar a relevância da pesquisa em relação ao contexto social atual, por exemplo. Então a justificativa caracteriza-se como defensora da necessidade de se efetivar o estudo.

A justificativa situa a importância do estudo e os porquês da realização da pesquisa.

Objetivos

O objetivo é geralmente definido como alvo ou desígnio que se pretende atingir. O objetivo é a expressão de um resultado que se quer alcançar. Todo objetivo deve responder a duas perguntas: **O que se quer e para que se quer?** E deve ser formulado a partir de um verbo no infinitivo.

Os objetivos indicam as ações que serão desenvolvidas para a resolução do problema de pesquisa.

Num projeto de pesquisa, utiliza-se um objetivo geral, que indica o resultado que se quer alcançar. E objetivos específicos são caminhos concretos que ajudam alcançar o objetivo geral.

Quanto a sua natureza, os objetivos podem ser intrínsecos, quando se referem a problemas que se quer resolver; extrínsecos, tais como dever de aula, solicitação de interessados, trabalhos finais de cursos de formação, resolver problemas pessoais, produzir algo de original, estes podem aparecer como objetivos específicos (Cervo, Bervian, 1996).

Ao formular objetivos, o autor do projeto está fixando padrões de sucesso pelos quais seu trabalho será avaliado e percebendo as etapas contidas em seu trabalho - os objetivos orientam a revisão da literatura e a metodologia do projeto.

Um dos critérios mais importantes na avaliação do trabalho final é se os objetivos propostos no projeto foram efetivamente alcançados.

- **Objetivos gerais:** define o que se pretende com a pesquisa.

  O objetivo geral é apresentado na forma de um enunciado que reúne, ao mesmo tempo, todos os objetivos específicos;

Exemplos de objetivos gerais em projetos de pesquisa:

1. Implantar um sistema de telemarketing na empresa X (proposição de planos).
2. Avaliar o sistema de distribuição de lucros em empresa do setor manufatureiro (avaliação de resultados).
3. Apresentar sugestões para a restruturação da fábrica Y (pesquisa-diagnóstico).
4. Avaliar o processo de implantação de Kanban no setor X (avaliação formativa).
5. Elaborar e implementar o setor de serviço ao cliente no banco X (proposição de planos).

- **Objetivos específicos:** a formulação de um objetivo geral não é suficiente para dar uma idéia de como o trabalho será desenvolvido e, por isso, abrange vários objetivos específicos.

  Exemplos de objetivos gerais e específicos em projetos de pesquisa:

Objetivo geral: Promover a área de RH na organização.

Objetivos específicos:

- Pesquisar a imagem da área com os empregados.
- Pesquisar a imagem da área recebida pelas gerências das outras áreas e Diretoria.
- Divulgar os resultados da avaliação nos murais da empresa ou via relatórios.
- Promover marketing interno das ações de RH.

Objetivo geral: Elaborar um plano de cargos e salários.

Objetivos específicos:

- Planejar os cargos da empresa.
- Descrever os cargos.
- Especificar os requisitos do ocupante.
- Avaliar e classificar os cargos.
- Pesquisar o mercado.
- Definir a estrutura salarial.

A redação de objetivos deve ser clara. Essa não é apenas uma exigência formal, mas também uma prática que auxilia o autor do projeto a compreender o que está propondo realizar.

Sugerimos que, em vez de apresentar os objetivos na forma de um texto, sejam formuladas sentenças curtas e claras para cada um dos objetivos. O verbo deve estar no infinitivo.

O objetivo que comunica melhor uma intenção é aquele que é expresso por palavras abertas a poucas interpretações, descrevendo uma ação observável.

Escrever, listar, identificar, selecionar, construir são exemplos de palavras abertas a poucas interpretações (saber, conhecer, compreender, reconhecer, apreciar - palavras com sentido vago ou ambíguo).

Ao procurar definir seu objetivo, você deverá ter em mente que um tema de pesquisa deve preencher os seguintes requisitos:

1. ser exeqüível e adaptável a pesquisa;
2. ser executável por uma só pessoa e realizável em espaço de tempo normal;
3. ser condizente com a capacidade técnica do pesquisador;
4. ser formulado de forma a evitar resultados óbvios ou triviais;
5. ter aplicabilidade ou importância prática ou teórica;
6. ser simples e específico ao invés de complexo e nebuloso.

Hipótese

Consiste em apresentar um ou mais enunciados, sob forma de sentença declarativa e que resolve provisoriamente o problema.

A pesquisa tratará de buscar respostas que refutem ou corroborem as suposições que forem apresentadas.

Dependendo da natureza do problema e da forma de o orientador trabalhar, o item hipótese pode ser opcional.

A hipótese é uma verdade provisória, que pode ser confirmada com a pesquisa, ou negada.

Fundamentação teórica

A fundamentação teórica é a revisão da literatura. Sendo assim, uma fase que ocupa bastante tempo: seleção, leitura, interpretação e discussão do material de pesquisa.

O referencial teórico tem a função de fundamentar sua pesquisa nas teorias existentes.

A fundamentação teórica apresentada deve servir de base para a análise e interpretação dos dados coletados na fase de elaboração do relatório final. Dessa forma, os dados apresentados devem ser interpretados à luz das teorias existentes.

O orientador pode indicar textos, e o aluno deve procurar outros materiais nas bibliotecas e livrarias.

Interessa rever tudo o que pode ajudar na elaboração do trabalho, como teorias e hipóteses sobre o problema; definições dos

principais conceitos referentes ao projeto; métodos e técnicas; informações sobre o contexto; relato de projetos semelhantes e resultados alcançados.

No projeto, é difícil definir tudo o que é importante em termos de revisão da literatura. Quando o trabalho final está sendo executado, outras leituras se farão necessárias.

É normal que, no projeto, o capítulo de revisão da literatura seja abrangente e, no trabalho de conclusão, seja mais específico.

O capítulo da revisão da literatura engloba tudo o que for relevante e necessário para esclarecer e justificar o problema em estudo e o que servir para orientar o método do trabalho e os procedimentos de coleta e análise dos dados.

Principais dificuldades dos pesquisadores no tocante à fundamentação teórica:

1. muitos expressam ora certa despreocupação, ora desconhecimento a respeito do que deva ser a seção da revisão da literatura;
2. ausência de um método de estudo, de raciocínio lógico e de redação;
3. falha na formação do pesquisador, que às vezes não é estimulado a pesquisar por si só, ler criticamente, ou escrever;
4. incluir textos que não têm ligação direta com o tema;
5. faltam citações bibliográficas, o que torna impossível distinguir o que é redação do autor do projeto daquilo que é parafraseado ou mesmo copiado de outros autores;
6. as normas para citações e referências bibliográficas são ignoradas;
7. o texto não pode ser uma cópia de trechos selecionados de um ou mais autores;
8. pesquisadores baseiam o capítulo em apenas um ou dois autores e sua contribuição limita-se a recortar trechos diversos, apresentando-os em certa ordem lógica que não há por que parafrasear o que os outros disseram.

Na lógica da pesquisa científica, espera-se que seja relatado o próprio processo de pesquisa bibliográfica, incluindo a seleção de autores; que haja uma crítica, da literatura, citando todos os autores que foram manuseados (não só os escolhidos) bem como uma avaliação de suas obras, tendo em vista o tema do trabalho.

Delineamento da pesquisa

Os princípios básicos da pesquisa científica são os mesmos em qualquer ramo do saber. Trata-se de um processo consciente e racional de aprendizagem destinado a prover a compreensão e explicação de determinados fenômenos de interesse efetivo com a finalidade de interpretação, previsão e controle.

Uma pesquisa é um processo de estudo científico que requer a especificação de uma metodologia sistemática com objetivo claramente estabelecido. Não é uma coletânea de informações ou um mero levantamento de dados. Exige análise, racionalidade e sistematização de procedimentos.

A especificação da metodologia de pesquisa é um dos mais sérios obstáculos que você enfrenta nas etapas iniciais dos trabalhos.

A metodologia adequada pode surgir naturalmente do processo de estudo dos tópicos e da leitura de pesquisas anteriores. Todavia, quase sempre a metodologia deve ser ajustada ao problema específico a ser focalizado.

O pesquisador costuma se mostrar inseguro na escolha das técnicas de pesquisa em virtude da multiplicidade de recursos metodológicos. Discutir o assunto com o seu orientador torna-se indispensável.

É fundamental que, ao se dirigir ao seu orientador, demonstre ter estudado, pensado e repensado o problema, pois a função do orientador é a de ajudar, criticar e orientar, sem tomar para si as tarefas que a você compete executar.

Todo o trabalho de prática profissional exige a coleta e a análise de dados e informações. Definir a metodologia significa realizar uma escolha de como se pretende investigar a realidade.

O método não significa apenas o instrumento de coleta ou de análise de dados, mas é algo muito mais abrangente. A escolha entre a lógica dedutiva ou indutiva vai determinar a abordagem do projeto, a perspectiva de investigação da realidade. A utilização de certo instrumento de coleta, como o questionário ou a entrevista, é decorrente dessa escolha preliminar.

No projeto, os métodos de coleta e análise dos dados devem estar especificados para que, chegado o momento de iniciar seu trabalho propriamente dito, você saiba exatamente o que vai fazer.

Além de definir por quê, quando, como, onde, quantas vezes etc., vai coletar certos dados, é interessante que os instrumentos de coleta estejam delineados e, se possível, testados.

Deve constar também um plano de como os dados serão analisados, incluindo uma previsão sobre o uso de tabelas, gráficos e tipos de estatísticas (se for o caso) que serão utilizados. O delineamento da pesquisa apresenta os elementos a seguir especificados, os quais somente aparecerão em seu projeto de pesquisa dependendo da opção de método e de técnicas que você escolheu para pesquisar. Por exemplo, se você escolheu a pesquisa de campo, eles deverão constar de seu projeto de pesquisa.

1- **Tipo de pesquisa:** consiste em informar qual o desenho que a pesquisa terá, ou seja, se a pesquisa será bibliográfica ou estudo de caso etc. É necessário então que o investigador justifique o tipo de pesquisa que escolheu e apresente, de imediato, seu conceito.

2- **População/amostra:** indica se a pesquisa vai abranger o universo populacional da realidade pesquisada ou se apenas uma amostra. No caso de se optar por uma ou por outra, é necessário informar os procedimentos e/ou critérios adotados para a sua execução. Informam-se também características gerais da população a ser investigada (cidade, município, bairro).

3- **Instrumentos utilizados para coleta de dados:** consistem em indicar o tipo de instrumento utilizado para registro dos dados que serão coletados. No caso de questionários ou entrevistas, deve se apresentar o modelo em anexo.

4- **Procedimentos utilizados na coleta de dados:** informam-se as operações que serão executadas no momento da coleta de dados.

5- **Procedimentos para análise e interpretação de dados:** indicam-se os recursos que serão utilizados para a análise dos dados - se forem estatísticos, devem ser informados os tipos de gráficos, quadros ou tabelas.

PLANO PROVISÓRIO DA MONOGRAFIA

Neste tópico, você deverá apresentar a estrutura do sumário de sua monografia. Saliente-se que os itens constantes de seu plano provisório poderão sofrer alteração à medida que você for elaborando o texto de sua monografia. Recomenda-se também contato com o orientador para definir seu plano provisório. Talvez seja a parte principal de seu projeto de pesquisa, pois torna-se o esqueleto de sua monografia.

EXEMPLO DE PLANO PROVISÓRIO

1 INTRODUÇÃO

2 TÉCNICA LEGISLATIVA

2.1 Histórico

2.2 Conceito

2.3 Ato Normativo

3 NORMAS DE REDAÇÃO DE ATOS NORMATIVOS

3.1 Poder Legislativo

3.2 Legislação

3.2.1 Lei

3.2.2 Decreto

3.2.3 Medida provisória

4 CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS

Cronograma

O esforço de organização e planejamento, investido na preparação do projeto, poderia ser substancialmente desperdiçado se esses procedimentos não fossem seguidos de acordo com a programação de atividades.

O cronograma é a previsão das atividades e, respectivamente, período (dia ou mês) de execução. Consiste em estimar o tempo necessário à execução das tarefas exigidas.

Citamos a seguir um exemplo de cronograma:

Atividades	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Encontros com o orientador	X	X	X	X	X
Pesquisa Bibliográfica	X	X			
Pesquisa de Campo	X	X			
Fichamento das obras	X	X			
Redação do Capítulo 1	X	X			
Revisão		X			
Redação do Capítulo 2			X		
Revisão			X		
Redação do Capítulo 3			X	X	
Revisão				X	
Formatação				X	
Revisão Final				X	
Impressão				X	
Entrega da Monografia					X

Referências

As referências dizem respeito às fontes de pesquisa necessárias para a elaboração de seu trabalho.

Devem estar citadas de acordo com as normas da ABNT.

Na unidade seguinte, você poderá esclarecer dúvidas sobre as referências.

ESTRUTURA DO PROJETO DE PESQUISA

CAPA

FOLHA DE ROSTO

SUMÁRIO

1 OBJETO DE PESQUISA

1.1 Tema

1.2 Delimitação do Tema

2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

3 JUSTIFICATIVA

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

4.2 Objetivos Específicos

5 HIPÓTESE(S) (item opcional / facultativo)

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

7 DELINEAMENTO DA PESQUISA

7.1 Métodos de Pesquisa

7.2 Técnicas de Pesquisas

8 PLANO PROVISÓRIO DA MONOGRAFIA (Sumário provisório, que indica a estrutura básica dos itens constantes da monografia)

9 CRONOGRAMA

10 REFERÊNCIAS

Atividades de auto-avaliação

Você já tem etapas do projeto elaboradas. Agora é o momento de estabelecer os objetivos geral e específicos de sua pesquisa.

Síntese da unidade

Nesta unidade, você pôde conhecer as etapas que deverão constar de seu projeto de pesquisa. Observe que o tempo deve ser sempre lembrado! Portanto, organização e disciplina são essenciais.

Na unidade seguinte, você encontrará subsídios para saber os itens que deverão compor sua monografia e procedimentos para formatá-la.

UNIDADE 6

6

Procedimentos metodológicos

Objetivos de aprendizagem

- Apresentar os elementos que compõem a estrutura de uma pesquisa.
- Conhecer os procedimentos de formatação do relatório de pesquisa.

Plano de estudo da unidade

Nesta unidade, você estudará as seguintes seções:

- Seção 1 Como fazer a formatação da monografia? 95
- Seção 2 As citações 99
- Seção 3 O sistema autor-data 102
- Seção 4 O sistema numérico 105
- Seção 5 A estrutura do relatório de pesquisa 106

Para início de conversa

Nesta unidade, você conhecerá os tópicos para a formatação do trabalho monográfico. Os procedimentos metodológicos apresentados a seguir não têm a pretensão de substituir as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, pois as normas estão postas e devem ser cumpridas. A unidade tem por finalidade facilitar a compreensão das normas. Expõe os tópicos mais usados na configuração de uma monografia. Enfim, você vai verificar como fazer a formatação de sua monografia.

SEÇÃO 1

Como fazer a formatação da monografia?

A idéia, por mais simples que seja, pode ter um grande valor, assim como deixa de ser uma idéia interessante quando não está bem estruturada, bem pensada.

O modo pelo qual abordamos o tema de um trabalho monográfico pode tornar o texto completamente diferente, independente de o tema ter sido abordado em outros trabalhos. A partir daí criamos o novo. Isso é ser crítico, é construir uma obra. Conquistar novos olhares e imaginações. Uma boa idéia não é aquela tecnicamente perfeita, mas sim a que tem resultados de pesquisas, conceitos, perseverança e confiança nos objetivos.

Mas atingir um nível estético é ponto importante, pois pesquisas e críticas servem para mexer com o coração e a cabeça, servem para incomodar, instigar, provocar reflexão e discussão, fazendo com que o ser humano tenha a capacidade de construir novas imagens à medida que lê.

É muito importante para um pesquisador o cumprimento do padrão de formatação de trabalhos científicos.

Isso porque a pesquisa deve ser consultada por outros interessados no assunto. Assim, os procedimentos metodológicos aqui apresentados tomam como base as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT:

- NBR 14724: trabalhos acadêmicos – apresentação;
- NBR 10520: apresentação de citação em documentos;
- NBR 6023: informação e documentação - referências e elaboração.

Os tópicos mais utilizados na confecção de uma monografia serão acompanhados pelos caminhos que devemos seguir no computador para a formatação do trabalho. A seguir confira cada um desses elementos:

Configuração de página

Deve-se utilizar para a apresentação do documento o papel branco, no formato A4 (21 cm x 29,7 cm), usando-se apenas um lado do papel.

Arquivo, Configurar página...

Tamanho do papel

Tamanho do Papel:	A4
Largura:	21 cm
Altura:	29,7 cm
Orientação:	Retrato

Margens

Superior:	3 cm
Inferior:	2 cm
Esquerda:	3 cm
Direita:	2 cm

Fonte e tamanho

Deve-se adotar o tipo de letra Times New Roman ou Arial, tamanho 12.

Para citações longas (mais de 3 linhas) e notas de rodapé, deve-se adotar o mesmo tipo, mas o tamanho 10.

Depois de definir o tipo de letra (Times New Roman ou Arial), permaneça usando o mesmo tipo até o final do trabalho.

Parágrafo

Formatar, Parágrafo...

Recuos e espaçamentos

Alinhamento:	Justificado		
Especial:	Primeira linha	Por:	2 cm
Espaçamento	Entre-linhas:	1,5	

Paginação

O local correto para a colocação dos números é o canto superior direito.

Você deve começar a contar o número de páginas a partir da Folha de Rosto (inclusive), isto é, a Folha de Rosto é a página número 1, entretanto os números somente aparecem na Introdução.

Obs.: Para facilitar o seu trabalho de paginação, salve em arquivos separados as partes pré-textuais das textuais e pós-textuais.

Inserir,

Números de páginas.

Posição:	Início da página (cabeçalho)
Alinhamento:	Direita
Formatar	
Iniciar em:	Marcar o número da página em que você deseja iniciar a numeração.

A divisão por capítulos

A numeração dos capítulos é feita com algarismos arábicos, não seguidos de ponto e dispensa-se a palavra *capítulo*. As subdivisões do capítulo são numeradas com algarismos consecutivos, separados por ponto.

Os títulos de capítulos e suas subdivisões são alinhados à esquerda. Os títulos dos capítulos são digitados em letras maiúsculas e negrito, tamanho 12. As seções dos capítulos são com as primeiras letras maiúsculas e em negrito, tamanho 12. As subseções são só com a primeira letra maiúscula, em negrito e tamanho 12.

Obs.: Os títulos sem indicativo numérico, como sumário, resumo, referências e outros, devem ser centralizados na página, em negrito, tamanho 12.

2 A CENA COREOGRÁFICA CATARINENSE (fonte 12)

Parágrafo, Primeira linha: Por: 2 cm.

A produção de dança em Santa Catarina não figura entre as mais importantes do país. Porém, na cidade de Joinville, já parte para o terceiro ano de funcionamento a Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, experiência inédita de extensão, fora da Rússia, do mais famoso corpo de balé do Mundo. Traduzida para o português, a palavra Bolshoi quer dizer “grande”, o que reflete a expressão do sucesso das atividades da companhia.

Essa experiência recente tem suas origens em 1983, quando surgiu o Festival de Dança de Joinville, hoje um dos mais conhecidos e prestigiados eventos brasileiros de escolas de dança, que ganhou repercussão nacional já no ano seguinte e, a partir de 1995, a internacionalização com

as apresentações do Ballet Theatro Bolshoi, de Moscou, e Stuttgart, da Alemanha.

|

|

2.1 O Jornalismo Cultural Catarinese (fonte 12)

|

|

O jornalismo cultural catarinense apresenta insuficiências na área cultural. Em 1987, estreou no jornal A Notícia (1923) o caderno *Anexo*. O *Anexo* veio para preencher o espaço destinado aos assuntos culturais, que por muito tempo vinham misturados às colunas sociais, programações de televisão e amenidades na editoria de "geral".

|

|

2.1.1 Cadernos culturais catarinenses (fonte 12)

|

|

Por estar no início de uma reflexão sobre os corpos que dançam, o jornalismo cultural ainda demonstra falta de empenho diante da produção na área. Isso pode ocorrer devido ao jornalismo no Brasil continuar tratando a situação da arte e cultura como algo supérfluo.

Todos os "enter", representados pelo símbolo | indicam espaçamento 1,5.

■ **SEÇÃO 2**

As citações

Consulte a Lei nº 9.610, de 19.02.98 Disponível em: <http://www.mct.gov.br/legis/leis/9610_98.htm>.

As citações são mencionadas no texto com a finalidade de esclarecer ou completar as idéias do autor da monografia, ilustrando e sustentando o assunto apresentado.

Toda documentação consultada deve ser obrigatoriamente citada em decorrência dos direitos autorais (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

■ Citação direta

É a transcrição literal de um texto ou de parte dele. Ao fazermos uma citação direta devemos ter a preocupação de conservar a grafia, a pontuação e o idioma original. A citação direta pode ser curta ou longa, e a forma de apresentação dessas deve ser diferenciada.

- **Citação direta curta:** são citações que apresentam até três linhas. Conservamos nesse tipo de citação a mesma fonte e a formatação normal de texto, apenas a destacamos com aspas. Veja o exemplo a seguir:

> Para o jornalista Dennis Raudünz (2001, p. 3), "o grupo Cena 11 marca uma história que lança em saltos para uma nova postura da mídia em relação aos grupos de dança contemporânea de Santa Catarina."

- **Citação direta longa:** são as citações que apresentam mais de três linhas. É importante salientar que são mais de três linhas no seu trabalho e não no texto original que está sendo citado. Essas citações não devem vir acompanhadas de aspas nem vir em itálico, pois já recebem como destaque o recuo de quatro centímetros, espaçamento simples entre linhas e a fonte no tamanho 10. As citações longas devem ser apresentadas em parágrafo distinto. Observe o exemplo a seguir:

Segundo Ana Francisca Ponzio (2001, p. 12),

> o Festival de Dança de Joinville dá um passo adiante [...] com a inauguração da 1ª Mostra de Dança Contemporânea. Sem caráter competitivo e com a proposta de ser mais uma vitrine da produção brasileira atual, esse evento paralelo promete ganhar amplitude e repercussão nacional.

Citação indireta

Na citação indireta, não ocorrem as transcrições dos trechos ou das informações de outros autores, fazemos os comentários usando as nossas próprias palavras para expor a idéia do autor.

Para Helena Katz (2000), o Brasil, na contramão de uma tendência que se afigurava hegemônica ao apontar como definitivo o crepúsculo da crítica a partir das drásticas reduções de seu espaço nas mídias, **apresenta o jornalismo cultural na área da dança sinalizando transformações auspiciosas,** pois alguns jornais já contam com profissionais dedicados ao setor. (grifo nosso).

Citação da citação

Muitas vezes precisamos utilizar em uma pesquisa texto de autores que foram citados por outra fonte disponível. Enfim, quando **não existe** a possibilidade de consultarmos os originais de documentos citados em outras fontes importantes para o nosso trabalho, reproduzimos a informação coletada utilizando o re-

curso da citação da citação. Esse recurso só deve ser utilizado na impossibilidade de acesso à fonte. A expressão latina *apud* significa citado por.

> Renato Janine Ribeiro, professor de Ética e Filosofia Política da Universidade de São Paulo – USP, faz uma observação curiosa sobre a forma de apresentação da cultura nos jornais: "[...] o caderno de cultura da *Folha de S. Paulo* chama-se *Ilustrada* e do *Estado de S. Paulo*, *Caderno 2*. Estes nomes segundo Ribeiro parecem sempre indicar a cultura como coisa menor, segunda, secundária". (RIBEIRO apud FRANCESCHI, 1998, p. 20-21).

É Importante que você observe as recomendações a seguir:

- Para citações longas (mais de três linhas), notas de rodapé, indicações de fontes de tabelas, referências bibliográficas e nota explicativa da folha de rosto, deve-se usar o espaçamento entre-linhas simples.
- Para as citações longas, o recuo deve ser de 4 cm, da esquerda para a direita.
- Para supressão de texto sem alteração do sentido ou da frase original usamos [...]. As reticências entre colchetes podem ser usadas para omissão no início, meio ou final da frase.
- Para fazer explicações adicionais, isto é, explicarmos algo dentro de uma citação direta, devemos usar a informação dentro de colchetes.
- Quando desejamos dar destaque à palavras ou frases, devemos utilizar negrito e ao final do parágrafo, entre parênteses, incluir a expressão (grifo nosso). Caso o grifo seja do autor que consultamos, usamos a expressão (grifo do autor).
- Ao percebermos incorreções no texto da citação direta, usamos o [sic] para identificar que o erro era da obra que consultamos. [sic] significa assim mesmo estava na obra consultada.

SEÇÃO 3

O Sistema autor-data

O sistema autor-data serve para indicar a fonte que está sendo utilizada no corpo do trabalho monográfico. No sistema autor-data, é permitido utilizar as notas de rodapé para explicar palavras ou conteúdos ou ainda inserir trechos originais de uma tradução exposta em uma citação. A indicação da fonte completa deverá constar nas referências da monografia.

Em **citação direta curta,** na indicação da fonte deverá constar o sobrenome do autor, seguido do ano de publicação e da página de onde foi retirada a citação:

> A análise de Helena Katz (2000, p. 32) revela que "essa atitude vem contaminando o mercado e comparado o presente com o que ocorria até a década de 80 nas mídias".
>
> Ou ainda:
>
> A análise de Helena Katz revela que "essa atitude vem contaminando o mercado e comparado o presente com o que ocorria até a década de 80 nas mídias". (KATZ, 2000, p. 32).

■ Em **citação direta longa,** na indicação da fonte deverá constar o sobrenome do autor, seguido do ano de publicação e da página de onde foi retirada a citação:

Mariana Peixoto Ferreira (2000, p.19-20) expõe:

> A produção em dança vem sendo acompanhada de uma crítica jornalística de especialização universitária. No entanto, essa interlocução entre a produção artística e os meios de comunicação foi intensificada há pouco tempo e, portanto, ainda não representou mudanças significativas no discurso jornalístico sobre a arte. Ainda é possível encontrar no textos jornalísticos de dança mesmices interpretativas a seu respeito.

Ou

Mariana Peixoto Ferreira expõe:

> A produção em dança vem sendo acompanhada de uma crítica jornalística de especialização universitária. No entanto, essa interlocução entre a produção artística e os meios de comunicação foi intensificada há pouco tempo e, portanto, ainda não representou mudanças significativas no discurso jornalístico sobre a arte. Ainda é possível encontrar no textos jornalísticos de dança mesmices interpretativas a seu respeito. (FERREIRA, 2000, p. 19-20).

■ Em **citação indireta,** na indicação da fonte deverá constar o sobrenome do autor, seguido do ano de publicação. Não consta o número da página, pois não é uma citação literal e sim uma paráfrase:

Para Jussara Xavier (2001), a produção em dança pode ser ainda mais alimentada quando as informações dos eventos passarem a ser publicadas na forma de livros, artigos e críticas.

Veja os exemplos a seguir:

Caso estejamos utilizando **várias obras de um mesmo autor** e haja coincidência de ano de publicação, devemos acrescentar letras minúsculas em ordem alfabética após o ano:

(SKINNER, 2000a, p. 32).
(SKINNER, 2000b, p. 45).

Nas obras **com dois autores,** devemos incluir o sobrenome de ambos, separados por ponto-e-vírgula:

(ANDRADE; GIL, 2003, p.76).

Nas obras com **mais de três autores,** devemos expor o nome do primeiro autor seguido da expressão latina *et al.* que significa e outros:

(SILVA et al., 2001, p. 30).

No caso de **citação da citação,** devemos mencionar o nome do autor citado seguido da expressão latina *apud*. Em seguida o sobrenome do autor de que temos a obra, isto é, que estamos citando, depois o ano e a página:

(BOURDIEU apud GEERTZ, 1998, p. 15).

SEÇÃO 4

O sistema numérico

Notas de rodapé

Inserir
Referência
Notas

Notas de rodapé	No fim da página
Formato do número	1,2,3,...
Iniciar em:	1
Numeração	Contínua

As notas de rodapé têm por finalidades expor as notas de referência, nas quais indicamos as fontes consultadas, e apresentar as notas explicativas, utilizadas para expor comentários, esclarecimentos ou explicações que não possam ser incluídas no texto. A numeração deve ser única e consecutiva para todo o capítulo ou parte e feita em algarismos arábicos

O alinhamento deve ser à esquerda para as notas de rodapé e a fonte utilizada é tamanho 10.

> Enquanto as imagens da peste em relação com um poderoso estado de desorganização física são como derradeiros jorros de uma força espiritual que se esgota, as imagens da poesia no teatro são uma força espiritual que começa sua trajetória no sensível e dispensa a realidade.[1]

1 ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

É Importante saber que para não repetir referências feitas anteriormente utilizam-se expressões latinas nas notas de rodapé:

- op. cit. – Quando a obra já foi citada em outra parte da pesquisa e a nota de rodapé que novamente o refere não é imediatamente posterior a essa referência.

1 GORDON, James S. Manifesto da nova medicina: a cura através de terapias alternativas. Rio de Janeiro: Campus, 1998. p. 33.

2 ROCHA, Ana Augusta; LIGABUE, Ana. Cuidados pela vida. São Paulo: Terra Virgem, 1998. p. 07.

3 GORDON, op. cit., p. 54.

■ Ibidem – Quando a nota imediatamente posterior refere-se ao mesmo autor e à mesma obra.

_____

4 GORDON, op. cit., p. 33.

5 Ibidem, p. 45.

6 MASETTI, Morgana. Soluções de palhaços: transformações na realidade hospitalar. São Paulo: Palas Athena, 1998.

■ Idem - Quando a nota imediatamente posterior refere-se ao mesmo autor, mas em outra obra.

_____

7 GORDON, op. cit., p. 76.

8 SACKS, Oliver W. O homem que confundiu sua mulher com um chapéu e outras histórias clínicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 22

9 Idem, Tempo de despertar. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 10

■ **SEÇÃO 5**

A estrutura do relatório de pesquisa

■ **Elementos externos**

- **Capa:** é a cobertura externa de material flexível (espiral) ou rígido (capa dura), que abrange as folhas que constituem o trabalho. (Veja o Modelo 1).
- **Lombada ou dorso:** é a parte da capa que reúne (coladas, costuradas) as folhas do trabalho. Deve conter o nome do autor na parte central; o ano, na parte inferior; o nome da instituição, UNISUL, na parte superior. (Veja o Modelo 2 a seguir).

Folhas contadas, mas não recebem números.	**Elementos pré-textuais**	
	Folha de rosto	(obrigatório)
	Errata	(opcional)
	Dedicatória	(opcional)
	Agradecimento	(opcional)
	Epígrafe	(opcional)
	Resumo	(obrigatório)
	Resumo em língua estrangeira	(obrigatório)
	Sumário	(obrigatório)
	Listas de ilustração	(opcional)
	Lista de abreviaturas e siglas	(opcional)
	Listas de símbolos	(opcional)
Folhas contadas e numeradas com algarismos arábicos.	**Elementos textuais**	
	Introdução	(obrigatório)
	Desenvolvimento	(obrigatório)
	Conclusão	(obrigatório)
	Elementos pós-textuais	
	Referências	(obrigatório)
	Apêndices	(opcional)
	Anexos	(opcional)
	Glossário	(opcional)

Elementos pré-textuais

- **Capa (obrigatório):** é a primeira folha do trabalho que traz o nome do autor, o título da obra, o subtítulo (se houver), o local e ano. (Veja o Modelo 1)
- **Folha de rosto (obrigatório):** é a página que contém os elementos essenciais à identificação do trabalho. (Veja o Modelo 3)
- **Errata (opcional):** é uma lista de erros tipográficos ou de outra natureza, com as devidas correções e indicações das folhas e linhas em que aparecem. Pode ser encadernada com o miolo do trabalho ou em papel avulso.
- **Dedicatória (opcional):** menção em que o autor presta homenagem ou dedica o trabalho a alguém. Quando pouco extensa, pode figurar na mesma folha dos agradecimentos.
- **Agradecimentos (opcional):** menções que o autor faz a pessoas e instituições das quais recebeu apoio para o desenvolvimento do trabalho.

- **Epígrafe (opcional):** o autor apresenta uma citação que de certa forma embasou a construção do trabalho, seguida de indicação de autoria.
- **Resumo em língua vernácula (obrigatório):** apresentação concisa do texto, com destaque para os aspectos mais relevantes. O resumo deve ser escrito em um único parágrafo com no máximo 250 palavras, em espaçamento simples. (Veja o Modelo 4)

  No Word for Windows basta seguir o seguinte caminho:

Ferramentas, contar palavras, palavras.

- **Resumo em língua estrangeira (obrigatório):** consiste no Resumo em idioma de divulgação internacional. Abstract, por exemplo, se a língua escolhida for o inglês (Modelo 5)
- **Sumário (obrigatório):** é a enumeração dos capítulos, seções ou partes do trabalho, na ordem em que aparecem no texto, tudo em negrito. (Modelo 6)
- **Listas de ilustrações, de abreviaturas e siglas, de símbolos (opcionais):** elementos opcionais, que devem ser elaborados de acordo com a ordem apresentada no texto.

Elementos Textuais

- **Introdução:** parte inicial do texto, em que devem constar a delimitação do estudo tratado, os objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do trabalho.
- **Desenvolvimento:** o desenvolvimento ou corpo visa expor o assunto e demonstrar as principais idéias. Isto é, a fundamentação lógica do trabalho. Divide-se em seções e subseções, que variam em função da abordagem e do método.
- **Conclusão:** a recapitulação dos resultados e da discussão do estudo ou pesquisa. É a parte final do texto, na qual se apresentam as conclusões correspondentes aos objetivos e hipóteses.

- **Elementos Pós-textuais**

  - **Referências:** elemento obrigatório em qualquer estudo científico, que permite a identificação de cada obra referenciada no texto da pesquisa ou estudo. As referências devem ser alinhadas à esquerda, em espaçamento simples entre linhas e separadas por espaço duplo.
  - **Apêndices:** são textos elaborados pelo próprio autor a fim de complementar sua argumentação. São apresentados da seguinte forma: Apêndice A, Apêndice B, Apêndice C...
  - **Anexos:** são documentos não elaborados pelo autor, que servem de fundamentação, comprovação ou ilustração, como leis, estatutos, mapas, entre outros. São apresentados da seguinte forma: Anexo A, Anexo B, Anexo C...
  - **Glossário:** uma relação, em ordem alfabética, de palavras ou expressões de uso restrito ou de sentido obscuro, acompanhadas das respectivas definições, com o objetivo de esclarecer termos empregados no trabalho.

Observe o modelo de referências:

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. O poder simbólico. Lisboa: Disfel, 1989.

BOGÉA, Inês. Cena 11 expande limites do corpo. **Folha de S. Paulo**, 31 out. 2001. Ilustrada, p. E4.

BRAGATO, Marcos. A aliança entre o cavalo e o dragão contra a espada da maldade. **A Notícia**, São Paulo, 11 jan. 1998. Anexo, p. C-3.

BRITTO, Fabiana. **A crítica de dança no Brasil**. 1998. Dissertação (Mestrado em Artes) -Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARDOZO, Flávio José. Dança para além dos olhos. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 13 fev. 2001. Variedades, p. capa.

CENA 11 dá movimento ao cangaço. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 31 jan. 1997. Variedades, p. 2.

Modelos

NOME DO AUTOR

|

|

|

|

| ← Todos os “enter” representados pelo símbolo (|) indicam espaçamento 1,5 entre linhas

|

|

|

|

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

subtítulo (se houver)

|

|

|

|

|

|

|

|

|

|

|

|

|

|

|

Florianópolis (SC)

2006

MODELO 2

UNISUL

Autor da Monografia

2006

■ MODELO 3

NOME DO AUTOR

Todos os “enter” representados pelo símbolo (|) indicam espaçamento 1,5 entre linhas

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

subtítulo (se houver)

Recuo de 8 cm

Nota explicativa em fonte 10, espaçamento simples entre linhas.

Monografia apresentada ao curso de especialização em __________ ________ como requisito parcial à obtenção do grau de especialista em __________________________.

Universidade do Sul de Santa Catarina

Orientador: Prof. ....

Florianópolis (SC)

2006

RESUMO

A presente monografia apresenta a verificação das matérias veiculadas nos cadernos culturais catarinenses, englobando o Grupo Cena 11 Cia. de Dança. Partindo da hipótese de que a mídia impressa de Santa Catarina não estava acostumada com a linguagem da dança contemporânea, o trabalho monográfico tem por objetivo traçar um paralelo entre a trajetória do Cena 11 e os caminhos que a mídia tem usado para a divulgação da crítica de dança contemporânea em seus dois principais cadernos de cultura, *Anexo*, de A Notícia, e *Variedades*, do Diário Catarinense, já que o Estado possui um dos grupos que alcançou espaço singular em dança no Brasil. Enfim, verifica como é feita a crítica e quais os profissionais que têm trabalhado para isso se concretizar no dia-a-dia das redações. Além disso, aponta as relações da crítica com o campo artístico, que engloba os artistas, os órgãos de imprensa, as entidades financiadoras, a universidade, o público, as redes informais, os prêmios, as escolas de dança e os próprios críticos. Com o estreitamento dessas relações acontece o fazer da dança contemporânea e o seu refletir. Um traço evolutivo natural para o jornalismo cultural catarinense.

Palavras-chave: Monografia; Crítica de Dança; Grupo Cena 11 Cia. de Dança.

ABSTRACT

The present monograph presents the results of analyzing the cultural contents published by the main newspapers from Santa Catarina; with especial emphasis on the reviews about Cena 11 Dance Company. Starting with the hypothesis that the printed media was not familiar with the language of contemporary dancing, this study has as its main purpose to correlate the ways used by the printed media in some mainstream publications, such as, *Anexo*, from *A Notícia*, and *Variedades*, from *Diário Catarinense,* to present reviews throughout the history of Cena 11 Dance Company, being that the Company has conquered a highlighted position among Brazilian professional dancers and experts on the subject. This study also points out how the reviews are presented to the readers and who are the professional behind this process of making contemporary dancing a constant and strong subject among newspapers´ editorial staff. Another aspect presented in the next pages is the coping of the artist with reviews. That can be seen through the eyes of each different part involved in the process; they are: the artists themselves, the press, the sponsors, the Universities, the public, informal networks, the prizes, dance schools and the critics. As each of these groups relates with one another, the making of and the questioning regarding the purpose of contemporary dance happens. A natural trait of evolution from the journalism done in Santa Catarina.

Key words: monograph, dance review, Cena 11 Dance Company.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 O PANORAMA DA DANÇA E DA CRÍTICA EM SANTA CATARINA 15
2.1 A Cena Coreográfica Catarinense 15
2.2 Os Cadernos Culturais Catarinenses 20
2.3 O Pensamento da Dança na Universidade 23

3 A CONTEMPORANEIDADE DO CENA 11 27
3.1 Grupo Cena 11 Cia. de Dança 27

4 EM BUSCA DE RESPOSTAS 34
4.1 Respostas sobre Dor 34
4.2 Os Passos Expostos na Mídia 36

5 A SAGA DOS NOVOS "CANGACEIROS" 39
5.1 O Novo Cangaço 39

6 INQUIETAÇÃO E ESPERANÇA 46
6.1 In'Perfeito 46

7 MEXENDO COM OS SENTIDOS 51
7.1 A Carne dos Vencidos no Verbo dos Anjos 51
7.2 Violência 53

8 CRÍTICA E CRIAÇÃO 62

9 CONCLUSÃO 65

REFERÊNCIAS 69

ANEXOS 74

Atividades de auto-avaliação

Nesta unidade você conheceu os tipos de sistemas que pode utilizar na monografia. Antes de iniciar sua redação, converse com o seu orientador para definir o sistema a ser adotado no trabalho: sistema autor-data ou sistema numérico?

Síntese da unidade

Agora você já tem um caminho para a formatação do seu trabalho monográfico. Nesta unidade você pôde verificar os elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais que irão compor a sua monografia. Além disso, havendo dúvida de citação você pode recorrer a esta unidade para superá-la.

Referências

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

BRUSCATO, Wilges. **Monografia jurídica**: manual técnico de elaboração. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira. 2002.

CARDOSO, Olga Regina; PEREIRA DA COSTA, Jane Iara. **Trabalho de Pesquisa em pós-graduação**. Florianópolis: PPGEP/UFSC, 2000. Texto digitado.

CERVO, Armando Luiz. **Metodologia científica**. São Paulo: Makron Books, 1996.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COLLAÇO, Gabriel Henrique. **A crítica de dança nos cadernos culturais catarinenses:** a presença do Cena 11 na mídia impressa. 2003. Monografia (Especialização em Jornalismo Cultural) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo.

DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

_____._____. 3.ed. São Paulo : Atlas, 1996.

_____. _____. 4.ed. São Paulo : Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HAGUETTE, Teresa M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes 1990.

KERLINGER, F. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**: um tratamento conceitual. São Paulo: EPU/EDUSP, 1980.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. 5. ed. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo : Atlas, 2001.

LEITE, José Alfredo Américo. **Metodologia de elaboração de teses**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

LESSARD-HEBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald. **Investigação qualitativa**: fundamentos e práticas. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

LODI, J. B. **A entrevista**: teoria e prática. São Paulo: Pioneira, 1971.

_____. **Manual de entrevistas de pessoal**. São Paulo: Pioneira, 1965.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 1991.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 6. ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1999.

_____. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MULT-PACK. **Cuidado com o seu texto**. São Paulo: Mult-Pack Comercial e Distribuidora, s/d.

NEGRA, Carlos Alberto Serra; NEGRA, Elizabete Marinho Serra. **Manual de trabalhos monográficos de graduação, especialização, mestrado e doutorado**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

NOTHEDGE, Andrew. **Técnicas para estudar com sucesso**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

PATRÍCIO, Zuleica Maria. **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável**: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológica. 1995. 215 f. Tese (Doutorado em Filosofia da Saúde/Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. **Qualidade de vida do ser humano na perspectiva de novos paradigmas**: possibilidades éticas e estéticas nas interações ser humano-natureza-cotidiano-sociedade. In: PATRÍCIO, Zuleica M.; CASAGRANDE, Jacir L.; ARAUJO, Marízia F. (Org.). Qualidade de vida do trabalhador: uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas. Florianópolis: PCA, 1999.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio do curso de administração**: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalhos de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 1996.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1976.

SILVA, R. P. et al. **Redação técnica**. Porto Alegre: Formação, 1975.

_____. _____. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1992.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VENTURA, Deisy. **Monografia jurídica**: uma visão prática. 2. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2002.